FABIANA FRESCO DA SILVA

EXPERIÊNCIAS DE BULLYING NA ADOLESCÊNCIA, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E VINCULAÇÃO

Estudo com Jovens Adultos

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clinica

Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

COIMBRA, 2020

EXPERIÊNCIAS DE BULLYING NA ADOLESCÊNCIA, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E VINCULAÇÃO

Estudo com Jovens Adultos

Fabiana Fresco da Silva

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clinica

Ramo de Especialização Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar do Instituto Superior Miguel Torga

Coimbra, novembro de 2020

Resumo

A ocorrência de *bullying* relaciona-se com a forma como a família funciona e com algumas características contextuais, podendo ter consequências negativas na vinculação em idade adulta. O principal objetivo deste estudo foi compreender como as experiências de *bullying* e a perceção do funcionamento familiar na adolescência estão relacionadas com a vinculação em jovens adultos.

A amostra foi composta por 96 jovens adultos com idades entre os 18 e os 30 anos (M = 25,08). O protoloco de investigação envolveu os seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Inventário para Avaliação da Violência na Escola (IAVE), Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV) e Escala de Vinculação do Adulto (EVA), tendo-se realizado uma avaliação retrospetiva e atual.

Os principais resultados indicaram que os jovens que experienciaram *bullying* na adolescência assumiram um papel predominantemente de agressores, têm uma perceção elevada quanto ao ambiente de violência na escola, mas relatam baixa frequência de violência. Tanto os jovens que experienciaram *bullying* como os que não experienciaram percecionaram um funcionamento familiar pouco coeso e flexível. Foram os jovens que experienciaram *bullying* que identificaram um funcionamento familiar mais problemático. Contudo, também percecionaram mais comunicação familiar. Os que percecionaram menos violência na escola consideraram o funcionamento das suas famílias mais emaranhado e quem considerava a escola segura percecionou mais ansiedade. Os sujeitos com agregados familiares com 4 ou mais elementos, na sua adolescência, percecionaram mais rigidez no funcionamento familiar. Os que não consideravam a escola um lugar seguro, percecionaram um funcionamento familiar mais flexível, uma maior comunicação e contacto com a proximidade. Ao nível da vinculação, os jovens que viveram experiências de *bullying* são os que se sentem mais confortáveis com o contacto com a proximidade e sentem mais confiança nos outros.

Os resultados não apresentam uma tendência clara sobre as experiências de bullying funcionamento familiar e vinculação.

Palavras-chave: *bullying*, funcionamento familiar, vinculação, adolescência, jovens adultos

Abstract

Bullying is related to the way the family works and with some contextual characteristics, which can have negative consequences on attachment in adulthood. The main objective of this study was to understand how the experiences of bullying and the perception of family functioning in adolescence are related to attachment in young adults.

The sample was composed of 96 young adults with aged 18 to 30 years old (M = 25.08). The research protocol involved the following instruments: Sociodemographic Questionnaire, Inventory for the Evaluation of School Violence (IAVE), Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV) and Adult Attachment Scale (EVA), with a retrospective and current evaluation.

The main results indicated that young people who experienced bullying in adolescence assumed a predominantly role of aggressors, have a high perception of the violence environment at school, but report a low frequency of violence. Both young people who have experienced bullying and those who have not experienced perceived low cohesion and flexible family functioning. Young people who did experience bullying identified a more problematic family functioning. However, they also perceived better family communication. Those who perceived less violence at school considered the functioning of their families more enmeshed and those who considered the school safe perceived, about attachment, more anxiety. The subjects with households with 4 or more elements, in their adolescence, perceived more rigidity in the family functioning. Those who did not consider the school a safe place perceived a more flexible family functioning, greater communication and contact with proximity. At the level of attachment, young people who have experienced bullying are those who are most comfortable with contact with proximity and that trust the most in others.

The results of attachment styles are missing.

The results do not present a clear trend on the experiences of bullying, family functioning and bonding.

Key-words: *bullying*, family functioning, attachment, adolescence, young adults

Índice

Introdução 1
Objetivos 8
Metodologia 9
Participantes 9
Tabela 1 10
Caracterização sociodemográfica da amostra – avaliação atual (n = 96) 10
Tabela 2 12
Caracterização sociodemográfica da amostra – avaliação retrospetiva (n = 96) 12
Instrumentos 13
Resultados 18
Resultados da análise retrospetiva - Perceção de violência na escola e do funcionamento familiar (IAVE e FACES IV) 18
Tabela 6 19
Pontuações médias e desvios-padrão nas dimensões e no total do IAVE nos sujeitos que vivenciaram experiências de bullying 19
Tabela 7 20
Pontuações médias e desvios-padrão nas subescalas equilibradas da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying 20
Tabela 8 21
Pontuações médias e desvios-padrão nas escalas desequilibradas da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying 21
Tabela 9 22
Pontuações médias e desvios-padrão na comunicação e satisfação da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying 22
Tabela 10 22
Pontuações médias e desvios-padrão nos rácios da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying 22
Tabela 11 23
Análise de diferenças na IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável idade 23
Tabela 12 24
Análise de diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável "quantos elementos tinha o agregado familiar" 24
Tabela 13 25
Análise de diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável "considerava a escola um lugar seguro" 25
Tabela 14 26
Análise de diferenças na FACES-IV e EVA em função da variável "violência total percecionada" 26

Resultados da análise atual (EVA) 26
Tabela 15 27
Distribuição dos sujeitos por protótipos de vinculação (EVA) 27
Tabela 16 27
Pontuações médias e desvios-padrão nas dimensões da EVA, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying 27
Discussão e Conclusão 28
Referências Bibliográficas 33
Anexos e Apêndices 37
Apêndice 1 – Consentimento informado 38
Apêndice 2 – Questionário Sociodemográfico e de dados completamentares 39
Anexo 1 – Inventário para Avaliação da Violência na Escola 45
Anexo 2 – Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar IV 47
Anexo 3 – Escala de Vinculação do Adulto 49

Introdução

Este estudo pretende abordar as experiências de *bullying* e a perceção do funcionamento familiar na adolescência numa perspetiva retrospetiva com jovens adultos. Pretende-se compreender a relação destas dimensões com a vinculação em jovens adultos. Vários autores apresentam a perspetiva segundo a qual o envolvimento em situações de *bullying* está relacionado com a forma como a família funciona e em particular algumas características contextuais, sobretudo, as experiências de violência familiar ou doméstica (e.g., Caridade, Martins, & Nunes, 2019; Lourenço & Senra, 2012; Nocentini, Fiorentini, Di Paola, & Menesini, 2019; Oliveira, Silva, Yoshinaga, & Silva, 2015), podendo ter consequências negativas na qualidade da vinculação em idade adulta e consequentemente nos relacionamentos amorosos (e.g., Cosgrove, Nickerson, & DeLucia, 2017).

Vários autores têm investigado de forma aprofundada a temática da violência na escola, fenómeno qualificado como multifacetado e também multidimensional. Compreende, portanto, um conjunto de fenómenos tais como os problemas de comportamento, comportamentos de oposição, comportamento delinquente, prática de atos de vandalismo, condutas agressivas ou *bullying* (Formosinho & Simões, 2001).

Especificamente o *bullying* é um problema de saúde pública que exige atenção e intervenção. Em Portugal, estima-se que 24% dos rapazes e 14% das raparigas sejam vítimas de *bullying* e o pico de incidência atinge os 13 anos (Almeida, 2010). É um tipo de violência que envolve comportamentos agressivos, havendo intencionalidade, caráter repetitivo e desigualdade de poder entre os envolvidos (Olweus, 1993). Seixas (2006) refere-se à natureza do *bullying*, salientando que há dois tipos de comportamentos, os comportamentos diretos e os comportamentos indiretos, descrevendo ainda diferentes tipos de violência, nomeadamente a física, a verbal, a psicológica, a relacional/social e a sexual. Identificam-se três tipos de atores: as vítimas/agredidos, os agressores e os observadores/espectadores. Existem vítimas que são, simultaneamente, agressores o que categoriza dois tipos de vítimas, as passivas e as agressivas (Olweus, 1993).

Ao longo do tempo tem havido um aumento da preocupação acerca do impacto do *bullying* em crianças e adolescentes. Em parte, devido aos recentes suicídios e episódios de violência que os media têm trazido a público (Almeida, 2010). Por isso, pais, educadores e profissionais têm um papel fundamental, começando pelo reconhecimento de que a violência entre pares, em contexto escolar, afeta gravemente o desenvolvimento saudável das crianças

e adolescentes, podendo conduzir ao desenvolvimento de comportamentos de risco (Fernandes, Henriques, Mendes, & Ribeiro, 2015). Neste âmbito, Lourenço e Senra (2012) realizaram uma revisão da literatura e, cerca de 34% dos artigos pesquisados, indicaram que os prejuízos mais frequentes nas vítimas envolvem danos físicos, psicológicos, comportamentais e sociais em crianças e adolescentes. Logo, a identificação de casos de violência e de agressividade nas escolas assume uma grande relevância, uma vez que os custos de divulgação de informação, prevenção e tratamento são significativamente altos (Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009).

Na maioria das investigações sobre o *bullying* é consensual a existência de uma diferença significativa entre os comportamentos de *bullying* dos rapazes (essencialmente diretos e físicos) e os comportamentos de *bullying* das raparigas (principalmente indiretos e relacionais) que são também explicados por variáveis do funcionamento cerebral, hormonais e neuroquímicas com expressão diferente dependendo do sexo. Por exemplo, os rapazes tendem a ser mais propensos à ação e aos comportamentos físicos, enquanto as raparigas tendem a usar mais as suas competências de comunicação e a manipular as redes sociais. Também se deve considerar a influência das expectativas sociais, pois também têm impacto na modelação dos diferentes comportamentos de rapazes e raparigas, em domínios tão particulares como a própria expressão de agressividade (Seixas, 2009).

Múltiplos estudos têm apontado para o potencial papel da família, da escola e da comunidade nos comportamentos de *bullying*. Dada a pertinência e relevância destas variáveis, recentemente Pervanidou e colaboradores (2019) realizaram um estudo para analisar a prevalência da perceção de intimidação com 1588 crianças e adolescentes gregos, explorando as relações entre a impressão subjetiva de vitimização por *bullying* e a influência de alguns fatores sociodemográficos. Os resultados revelaram que a prevalência geral de vitimização foi de 10,4%. A probabilidade de vitimização por *bullying* aumentou quando as crianças e adolescentes residem em zonas urbanas, na presença de uma pessoa com doença crónica em casa, de uma situação económica familiar pobre e de um elevado número de adultos a residir em casa. Os autores também observaram que um nível de escolaridade superior dos pais se relacionou com uma probabilidade de vitimização menor em crianças e adolescentes em idade escolar.

O conhecimento do estilo de vida dos jovens tem-se revelado essencial para a identificação e intervenção nos comportamentos de risco e na promoção de oportunidades de desenvolvimento dos jovens. Com este mote, Caridade e colaboradores (2019), na sua recente

pesquisa, debruçaram-se em caraterizar o estilo de vida com 80 jovens e dos seus eventuais comportamentos desviantes/delinquentes. Os dados obtidos indicaram que a inexistência de supervisão parental, a falta de imposição de regras, a existência de conflitos com os pares, professores e funcionários, a ausência de hábitos de estudo e de atividades extracurriculares, bem como o facto de passarem mais tempo entre pares do que com os familiares os influencia, admitindo já terem adotado diferentes condutas desviantes/delinquentes ou até mesmo criminais. As condutas mais relatadas, sobretudo pelos rapazes, foram as seguintes: agredirem colegas, professores e/ou funcionários, causarem dano propositado em objetos de outros, estarem envolvidos em grupos de pares desviantes, invadirem propriedades privadas, participarem em furtos e em tráfico de droga. As autoras ainda mencionam que o espaço escolar é palco para a manifestação de diversos conflitos interpessoais (e.g., *bullying*, violência entre pares, insucesso e/ou abandono escolar e problemas associados à indisciplina), sublinhando que a maioria destas mudanças comportamentais estão principalmente relacionadas com dinâmicas familiares disfuncionais, como a exposição a violência doméstica, fracas relações parentais, condições económicas desfavoráveis, desemprego, alcoolismo, tráfico e consumo de droga.

Assim, compreendemos que os contextos relacionais que as crianças e adolescentes estão expostos contribuem para o envolvimento, ou não, em situações de *bullying* em meio escolar (Caridade & et al., 2019). No mesmo sentido, outros autores também apontam para a importância da família e do seu funcionamento no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente (e.g., Pérez-Fuentes et al.,2019), que pode ser saudável ou não.

O conceito de funcionamento familiar, com base no Modelo Circumplexo de Sistemas Conjugais e Familiares, foi desenvolvido por Olson na década de 70. Este modelo tem-se revelado muito útil na explicação dos sistemas de casal e de família, ajudando a compreender as mudanças que ocorrem ao longo do tempo (Olson, 2019). A coesão refere-se à ligação emocional que os membros da família estabelecem uns com os outros. A flexibilidade implica a liderança e organização familiar, a maneira como se estabelecem papéis e regras nos relacionamentos, bem como a capacidade de negociação e de mudança. Por sua vez, a comunicação é considerada uma dimensão facilitadora, que ajuda as famílias a alterarem os seus níveis de coesão e flexibilidade. Esta última dimensão também envolve a capacidade de escuta, respeito, diálogo e clareza entre os membros da família, refletindo assim os aspetos afetivos da comunicação (Olson & Gorall, 2006).

Através deste modelo, Olson (2019) sugere a existência de três hipóteses principais: 1) Casais e famílias equilibradas tendem a ser mais funcionais, do que sistemas desequilibrados, 2) Casais e famílias equilibradas têm uma comunicação mais positiva, do que as desequilibrados, e 3) Casais e famílias equilibradas alteraram de forma mais efetiva os seus níveis de coesão e flexibilidade para lidar com o stresse e com as mudanças desenvolvimentais.

Se é consensual que a coesão equilibrada, entre o emaranhamento e o desmembramento corresponde ao funcionamento mais ajustado e funcional também o é no que toca à adaptabilidade equilibrada, meio termo entre a caoticidade e a rigidez. No entanto graus mais moderados de rigidez, ainda assim considerados desequilibrados, podem ser nalgumas famílias fator de ajustamento como evidenciam estudos que utilizaram o Modelo Circumplexo de Olson e a FACES IV onde a rigidez foi considerada uma dimensão funcional e disfuncional dependendo dos casos. Everri, Mancini e Fruggeri (2016) estudaram o funcionamento familiar na adolescência, considerando a perceção de 320 adolescentes e os resultados indicaram que a rigidez esteve associada a dimensões positivas do funcionamento da família quanto à adaptabilidade/flexibilidade associada a uma monitorização parental e satisfação familiar superior.

Pérez-Fuentes, Jurado, Martín e Linares (2019) realizaram um estudo cujo objetivo foi analisar a relação entre o funcionamento familiar, inteligência emocional e valores pessoais, e seu impacto no desenvolvimento de diferentes tipos de agressão em adolescentes (agressão proativa aberta e agressão reativa aberta). Os resultados indicaram que a inteligência emocional (gestão do *stress*), o desenvolvimento positivo do adolescente e o funcionamento familiar funcional foram predominantes em indivíduos não agressivos, comparando com os agressivos. Também identificaram a existência de uma relação negativa entre os diferentes tipos de agressão, o funcionamento familiar funcional, a inteligência emocional e os valores positivos.

Por sua vez Mazzone e Camodeca (2019), efetuaram uma pesquisa de modo a compreender a contribuição da personalidade e do funcionamento da família na desconexão moral e nos comportamentos de *bullying* na adolescência. Concluem que, além do funcionamento familiar estar negativamente associado à desconexão moral, a baixa consciência em conjunto com um funcionamento familiar desajustado aumentou o risco de *bullying* e diminuiu a probabilidade de defesa em situações que envolvam este tipo de comportamento. Neste âmbito, Sun, Liang e Bian (2017) acrescentam que o controlo psicológico parental também parece contribuir para a vitimização entre pares em adolescentes pertencentes a culturas não ocidentais. Por outro lado, os adolescentes que têm uma deficiência

e cujos pais possuem baixa escolaridade têm igualmente uma probabilidade aumentada de serem vítimas de *bullying* social (Kavanagh, Priest, Emerson, Milner, & King, 2018).

De forma a determinar o papel dos estudantes em situações de *bullying*, em contexto escolar, foi explorado o autoconceito e o efeito de características familiares no fenómeno de *bullying*. Os dados obtidos revelaram que 17% dos alunos encontravam-se inseridos em situações de *bullying*, havendo 5,3% agressores, 5,9% vítimas e 5,8% agressores e vítimas. Verificou-se que o *bullying* foi mais frequente no grupo de estudantes que tinham os pais separados, no grupo que testemunhou violência entre membros da família e nos que tinham sido tratados de forma violenta por membros da família. Ainda se observou que o *bullying* foi significativamente menor em alunos com famílias "saudáveis" (ou seja, refere-se às características estruturais da família e à interação entre os membros da família como "saudável") e com autoconceito elevado, comparativamente com aqueles que pertenciam a famílias "não saudáveis" (ou seja, refere-se às características estruturais da família e à interação entre os membros da família como "não saudável") e que apresentavam um autoconceito baixo. A avaliação familiar foi feita com recurso ao *Family Assessment Device* (FAD) (Arslan & Savaser, 2012).

Outra perspetiva interessante, no âmbito das relações curvilíneas entre a família, o autocontrolo dos adolescentes e o comportamento desviante juvenil, foi explorada recentemente por Gomes e Gouveia-Pereira (2019). Os resultados do estudo indicaram a existência de associações lineares entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante juvenil. Além de que, níveis extremos de coesão (relacionamentos familiares desmembrados e emaranhados) e de flexibilidade (relacionamentos familiares rígidos e caóticos) apresentaram relações curvilíneas significativas com o baixo autocontrolo dos adolescentes. Os autores ainda sugerem a existência de um modelo em que a relação entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante juvenil foi parcialmente mediada pelo autocontrolo. Assim, ao mostrarem a adequação do Modelo Circumplexo na Teoria Geral do Crime, sublinhado a importância das intervenções sistémicas com jovens delinquentes, bem como a promoção de relações familiares mais equilibradas, prevenindo os comportamentos de risco/desviantes, onde estão incluídos os comportamentos de *bullying*.

Não obstante, também existem determinados fatores familiares que influenciam o trabalho da escola para diminuir as hipóteses de ocorrerem comportamentos de *bullying*. Os mais relevantes mostraram que o apoio dos pais teve um efeito protetor contra os comportamentos de *bullying* em grupo e contra a vitimização. Todavia, a ausência de normas

aumentou a probabilidade de ocorrer este tipo de comportamento. Os investigadores ainda referem que os alunos envolvidos em comportamentos de *bullying* grupal provavelmente não são simplesmente "jovens maus", mas jovens que necessitam de apoio, atenção, disciplina e instrução (Mann, Kristjansson, Sigfusdottir, & Smith, 2015).

Assim, confirmamos que as perceções dos adolescentes sobre os pais e as relações familiares são variáveis importantes, que também ajudam a identificar os mecanismos envolvidos na forma como as crianças adquirem valores e, ainda, como esses valores são transmitidos pelas famílias. Este foi o mote para o estudo de Prioste, Narciso e Gonçalves (2015) com 515 adolescentes. Os resultados evidenciaram que a família, em específico, os pais constituem uma fonte de valores. Relativamente à perceção dos adolescentes, esta pesquisa mostrou que tanto a qualidade das práticas parentais (avaliada pelo suporte emocional, rejeição e sobreproteção), como a qualidade das relações familiares (avaliada pela coesão, expressividade e conflito) influenciaram a aquisição de valores pelos adolescentes. Descobriram que as práticas parentais tiveram maior impacto na aquisição de valores coletivistas e individualistas, permitindo que os adolescentes se consigam adaptar melhor a determinadas situações sociais. Por outro lado, a perceção da qualidade das relações familiares mediou a relação entre a qualidade de práticas parentais e os valores coletivistas, mas não nos valores individualistas, considerando que os relacionamentos familiares parecem atuar como uma barreira protetora que preserva a identidade e a coesão da família.

As evidências científicas também sugerem que os comportamentos de *bullying*, principalmente a vitimização verbal e relacional, são preditores de uma vinculação na adultez menos estável ao nível dos relacionamentos interpessoais (e.g., Cosgrove, Nickerson, & DeLucia, 2017). A explicação para estes resultados pode estar associada à natureza pessoal da vitimização verbal e relacional, que comumente incluem as formas de exclusão, assédio, disseminação de boatos e isolamento social. Assim, é possível que essas experiências tenham um efeito duradouro nos indivíduos, até porque os agressores se centram em afetar os relacionamentos sociais e personalidades das vítimas.

A vinculação refere-se à existência de um laço afetivo que a criança estabelece com a figura de referência no sentido de promover a sua proteção e segurança, prolongando-se no tempo. A teoria da vinculação foi elaborada por John Bowlby, que procurou compreender os efeitos da privação dos cuidados parentais na infância (Soares, 2007). A sua teoria explica a natureza da vinculação entre a criança e a figura de vinculação. Bowlby (1973) ao considerar a continuidade entre as experiências de vinculação na infância e a representação da vinculação

na idade adulta, perspetiva a hipótese da modificação do sistema de vinculação, dado que os modelos internos são flexíveis, dinâmicos e passíveis de mudança perante novas experiências que ocorrem após a infância (Moss, St-Laurent, Dubois-Comtois, & Cry, 2005). O sistema comportamental de vinculação pode ser ativado em qualquer fase do ciclo vital da pessoa, sobretudo perante experiências de perda, doença e ansiedade (Bowlby, 1973).

De acordo com Bosmans, Braet, van Leeuwen e Beyers (2006), as pessoas com uma vinculação segura percecionam o seu cuidador como responsivo e disponível, vendo-se a si próprias como merecedoras de afeto. Já os indivíduos com uma vinculação insegura interiorizam o seu cuidador como rejeitante e inacessível, considerando-se indignos de receber afeto. Neste último padrão de vinculação ainda há uma subdivisão: 1) inseguro-evitante, ou seja, em momentos de *stress* surge mais ansiedade e a pessoa evita a figura de vinculação e 2) inseguro-resistente/ambivalente, ou seja, a pessoa perceciona a figura de vinculação como inconsistente na prestação de cuidados e, perante a incerteza, ainda que a procure em situações de *stress*, manifesta, simultaneamente, comportamentos de resistência (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

Neste âmbito, por exemplo, Cosgrove e equipa (2017) examinaram os possíveis efeitos, a longo prazo, das experiências de vitimização no *bullying* entre pares durante a infância e a qualidade da vinculação em adultos, numa amostra de 386 estudantes universitários. Os resultados confirmaram que a vitimização verbal e relacional anterior foram preditoras de uma vinculação menos estável em adultos, sendo a vitimização verbal a mais significativa. Contudo, aqueles que sofreram de vitimização relacional foram mais propensos a estabelecer uma qualidade de vinculação menor nos seus relacionamentos.

Sob uma perspetiva diferente, o estudo de Irelandn e Power (2004) analisou se os agressores que intimidam outras pessoas e/ou são vitimas podem ser distinguidos pelos seus estilos ou padrões de vinculação. Os dados obtidos indicaram que as diferenças significativas foram apenas na vinculação evitante, na qual os agressores/vítimas apresentaram as pontuações mais altas na vinculação evitante, enquanto os agressores puros e os não envolvidos obtiveram as pontuações mais baixas. A este respeito, importa referir que a vinculação evitante parece relacionar-se de forma mais consistente a resultados mais baixos ao nível das competências sociais, cognitivas e emocionais, bem como à ocorrência de mais problemas comportamentais na presença de riscos contextuais (Carvalho, 2007).

Alguns estudos também demonstram que as mulheres que sofreram de *bullying* no ensino secundário, ou seja, durante a sua adolescência, tendem a estabelecer um

relacionamento com os pais baseado na vinculação insegura e preocupada, sendo preditores significativos de uma resiliência mais pobre (e.g., Reed, 2017). Por sua vez, outras investigações analisaram como o estilo de vinculação precoce na infância e as experiências de *bullying* na adolescência podem afetar os estilos de vinculação posteriores nos relacionamentos românticos em jovens adultos. Os resultados indicaram que quanto maior é a vinculação segura à mãe na primeira infância, menor é o envolvimento em comportamentos de *bullying* na adolescência. Curiosamente, também aumentou a probabilidade de manterem, *a posteriori*, uma vinculação segura com os seus parceiros românticos. Além de confiarem nos seus parceiros, ainda referiram sentir-se satisfeitos com os seus relacionamentos (Fang, 2017).

Assim, concluímos que o envolvimento em comportamentos agressivos de *bullying* durante a adolescência é influenciado por múltiplas variáveis individuais, sociais, contextuais e familiares. Encontram-se algumas variáveis relacionadas com o funcionamento familiar (e.g., experiências de violência familiar ou doméstica; inexistência de supervisão parental e de imposição de regras - práticas e estilos parentais; fracas relações parentais; ambiente familiar e dinâmicas familiares disfuncionais; condições económicas desfavoráveis; desemprego, álcool, tráfico e consumo de droga; e a saúde mental dos pais) que podem atuar como fatores de risco para a ocorrência de *bullying* em contexto escolar. Todavia, também existem determinados fatores familiares que influenciam positivamente os adolescentes e o trabalho da escola, de forma a diminuir a ocorrência deste fenómeno. No que diz respeito à qualidade da vinculação, compreendemos que o envolvimento em situações de *bullying* na adolescência pode ter repercussões negativas na idade adulta, aumentando a probabilidade de estabelecerem vinculações inseguras/evitantes ou instáveis nos seus relacionamentos, o que também parece estar associado a competências sociais, cognitivas e emocionais mais baixas. Estas evidências permitem-nos refletir criticamente, e apontar diferentes perspetivas sobre a temática em estudo. Dada a escassez de investigações que englobem os nossos construtos principais – *bullying*, funcionamento familiar e vinculação – o principal objetivo deste estudo comparativo visa compreender como as experiências de bullying e a perceção do funcionamento familiar na adolescência estão relacionadas com a vinculação em jovens adultos.

Objetivos

Com os objetivos específicos neste trabalho pretende-se:

1) Analisar a perceção das experiências de bullying dos participantes na sua infância ou adolescência;

2) Comparar o funcionamento familiar e qualidade da vinculação entre os participantes que vivenciaram e os que não vivenciaram experiências de bullying;
3) Analisar as relações entre as experiências de bullying, funcionamento familiar e vinculação;
4) Analisar se existem diferenças significativas nas experiências de *bullying*, funcionamento familiar e vinculação em função de variáveis sociodemográficas (sexo, idade, estado civil, escolaridade, relacionamento amoroso atual, quantos elementos tinha o agregado familiar na adolescência e se considerava a escola um lugar seguro)
5) Analisar se existem diferenças significativas no funcionamento familiar e qualidade da vinculação em função da variável violência total percecionada.

Metodologia

Participantes

Foi definido como critério de inclusão para participação neste estudo os sujeitos terem uma idade entre os 18 e os 30. Participaram 96 jovens adultos, maioritariamente portugueses.

Na Tabela 1 estão descritos os participantes. A maioria é do sexo feminino (n = 69, 71,9%), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos (M = 25,08, DP = 2,38) e é mais comum residirem em meio urbano (n = 74, 77,1%). Relativamente ao estado civil, a maioria dos participantes são solteiros (n = 82, 85,4%) e 62 (64,6%) refere que atualmente se encontra num relacionamento amoroso. Quarenta e um (42,7%) são licenciados e encontram-se a trabalhar (n = 44, 45,8%), sendo relativamente baixa a taxa de sujeitos desempregados (n = 10, 10,4%). No que respeita ao rendimento mensal do agregado familiar, verificamos que é mais comum terem um rendimento entre 500€ e 1000€ (n = 41, 42,7%), no entanto, também importa referir que 31,3% da nossa amostra obtém um rendimento mensal entre 1000€ e 2000€, enquanto 22,9% aufere um rendimento superior a 2000€. Em relação ao envolvimento em alguma situação de violência entre pares, 49 sujeitos (51%) da nossa amostra a referir que não e 47 (49%) a afirmar que sim. A maioria refere que não faz terapia ou aconselhamento (n = 92, 95,6%). Já no que diz respeito ao apoio psiquiátrico, 73 pessoas (76%) refere que não têm apoio e 75 (78,1%) refere que não faz medicação psiquiátrica.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra – avaliação atual (n = 96)

	n	*%*
Sexo		
Feminino	69	71,9
Masculino	27	28,1
Idade		
18-24 anos	39	40,6
25-30 anos	57	59,4
Meio de residência		
Rural	22	22,9
Urbano	74	77,1
Estado civil		
Casado/união de facto	14	14,6
Solteiro	83	85,4
Relacionamento amoroso atual		
Não	34	35,4
Sim	62	64,6
Escolaridade		
Ensino básico	7	7,3
Ensino secundário	27	28,1
Licenciatura	41	42,7
Mestrado	21	21,9
Ocupação atual		
Desempregado	10	10,4
Estudante	19	19,8
Trabalhador	44	45,8
Trabalhador estudante	23	24,0
Rendimento mensal do agregado familiar		
Até 500€	3	3,1
Entre 500€ e 1000€	41	42,7
Entre 1000€ e 2000€	30	31,3
Mais de 2000€	22	22,9
Esteve envolvido em alguma situação de violência entre pares		
Não	49	51,0
Sim	47	49,0
Faz terapia / aconselhamento		
Não	93	95,8
Sim	4	4,2
Tem apoio psiquiátrico		
Não	73	76,0
Sim	23	24,0
Toma medicação psiquiátrica		
Não	75	78,1
Sim	21	21,9

Nota. *n* = número total de sujeitos da amostra.

A análise efetuada, que apresentamos na Tabela 2, resulta da avaliação retrospetiva, ou seja, referente à infância e adolescência dos participantes.

Através da análise verificou-se que residiam sobretudo em meio urbano (*n* = 62, 64,6%) e a sua escola também se situava em meio urbano (*n* = 70, 72,9%). Observamos que era mais comum os agregados familiares serem constituídos por mais de 4 pessoas (*n* = 61, 62,9%). Ainda sobre os agregados familiares, 39 (41,2%) participantes referem que os mesmos eram constituídos por pais e filhos, ou seja, famílias nucleares (*n* = 40) seguindo-se as famílias monoparentais (*n* = 39, 40,2%). No que diz respeito à situação financeira do agregado familiar, 39 (40,6%) viviam confortavelmente e 34 (35,4%) refere que viviam com o suficiente (*n* = 34). Em relação à escolaridade, praticamente metade dos participantes consideravam-se bons alunos (*n* = 44, 45,8%), mencionando que não reprovaram nenhum ano (*n* = 63, 65,6%). Praticamente todos os participantes achavam a sua escola segura (*n* = 81, 84,4%). No entanto, mais de metade refere que esteve envolvido em alguma situação de violência (*n* = 60, 62,5%), mas que isso não interfere com a sua vida (*n* = 49, 24,0%).

Tabela 2

Caracterização sociodemográfica da amostra – avaliação retrospetiva (n = 96)

	n	*%*
Meio de residência		
Rural	34	35,4
Urbano	62	64,6
Meio da escola		
Rural	26	27,1
Urbano	70	72,9
Quantos elementos tinha o agregado familiar		
1 a 3	36	37,1
4 ou mais	61	62,9
Agregado familiar		
Pai/mãe e filho(s)	40	41,2
Pais e filho(s)	39	40,2
Pais, filho(s), avós/outros familiares	18	18,6
Situação financeira do agregado familiar		
Vivíamos com dificuldades	14	14,6
Vivíamos com muitas dificuldades	1	1,0
Vivíamos com o suficiente	34	35,4
Vivíamos confortavelmente	39	40,6
Vivíamos muito confortavelmente	8	8,3
Desempenho enquanto aluno		
Muito fraco	3	3,1
Fraco	6	6,3
Mediano	32	33,3
Bom	44	45,8
Muito bom	11	11,5
Reprovou algum ano		
Não	63	65,6
Sim	33	34,4
Achava a escola um lugar seguro?		
Não	15	15,6
Sim	81	84,4
Esteve envolvido em alguma situação de violência?		
Não	36	37,5
Sim	60	62,5
Considera que atualmente essa situação de violência interfere com a sua vida?		
Interfere muito	8	12,5
Interfere pontualmente	23	8,3
Não interfere	49	24,0
Não se aplica	4	4,2

Nota. n = número total de sujeitos da amostra.

Instrumentos

O protocolo de avaliação inclui os seguintes questionários:

1 – Questionário Sociodemográfico – O Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares (Apêndice 2) foi elaborado especificamente para este estudo e visa a identificação e caraterização sociodemográfica dos participantes. É composto por duas partes. A primeira faz referência à atualidade e incluiu dados de identificação dados familiares e relacionais e de saúde. A segunda parte do questionário corresponde a uma análise retrospetiva, ou seja, sobre a infância e adolescência dos nossos participantes e abrangeu dados familiares, escolares e outros.

2 – Inventário para Avaliação da Violência na Escola (IAVE; versão portuguesa de Matos, Ralha-Simões, & Jesus, 2012) – O IAVE (Anexo 1) é um instrumento que permite avaliar a violência entre pares em contexto escolar, especificamente a presença de diferentes tipos de violência, abrangendo a violência física (direta e indireta), a verbal e psicológica (direta e indireta) e a relacional.

Apresenta um total de 24 itens e uma escala de resposta com um formato do tipo *Likert* que varia segundo seis níveis de resposta, de 1 (nunca) a 6 (sempre), sendo composta por quatro escalas, com seis itens cada uma, permitindo avaliar todos os intervenientes da violência entre pares (a perspetiva do agressor, a da vítima, a do espetador/observador, a da vítima e agressor, a do agressor e espetador, a da vítima e espetador ou a da vítima, agressor e espetador). A cada uma das quatro escalas corresponde uma dimensão diferenciada: 1) *Eu como agredido/vítima* (itens 1, 2, 3, 4, 5 e 6), 2) *Eu como espectador* (itens 7, 8, 9, 10, 11 e 12), 3) *Eu como agressor* (13, 14, 15, 16, 17 e 18) e 4) *Clima geral da escola* (itens 19, 20, 21, 22, 23 e 24).

As pontuações em cada escala variam entre 6 e 36 e o somatório dos itens fornece o score da violência a que cada indivíduo é potencialmente sujeito na sua escola. Assim, agredido (vítima) + espectador + agressor + no geral = violência total percecionada pelo sujeito. A análise de cada escala reflete a autoavaliação da pessoa, ou seja, sou vítima – não ou sim; esporadicamente, frequentemente ou sempre; sou espectador - não ou sim; esporadicamente, frequentemente ou sempre; sou agressor - não ou sim; esporadicamente, frequentemente ou sempre; e como é o clima da minha escola no geral – há ou não violência e como.

Foi calculado o alfa de Cronbach tendo-se verificado que os valores se situam entre 0,70 e 0,85, considerados valores bons a muito bons (DeVellis,1991), tal como os da validação para a população portuguesa (Tabela 3).

Tabela 3

Valores de Alfa de Cronbach do IAVE

Dimensões e total	Alfas de Cronbach Estudo atual	Alfas de Cronbach Validação
Eu como agredido/vítima	0,72	0,78
Eu como espectador	0,85	0,87
Eu como agressor	0,72	0,67
Clima geral da escola	0,70	0,68

3 – Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV; versão original de Gorall, Tiesel, & Olson, 2006; versão portuguesa Sequeira et al., 2015) – A FACES IV (Anexo 2) é a última versão das escalas de autoavaliação do funcionamento familiar. em como objetivo avaliar as dimensões de coesão (a capacidade de entreajuda, a ligação entre cada membro da família, bem como a autonomia vivida e concedida pela família) e flexibilidade familiar (a capacidade de flexibilidade, mudança e ajustamento familiar em diferentes situações). Pode ser aplicada a todos os membros da família com idades superiores a 12 anos.

É composta por seis escalas (duas equilibradas e quatro desequilibradas) que foram desenvolvidas para avaliar as dimensões da coesão e flexibilidade (Olson & Gorall, 2006). É constituída por 62 itens: 14 nas subescalas equilibradas (7 para a coesão equilibrada e 7 para a flexibilidade equilibrada), 28 nas subescalas desequilibradas (7 itens para cada uma das subescalas emaranhada, desmembrada, rígida e caótica), 10 itens na comunicação e 10 itens na satisfação. De acordo com os autores, os itens estão distribuídos da seguinte forma: *coesão equilibrada* (itens 1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37); *flexibilidade equilibrada* (itens 2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38); *desmembrada* (itens 3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39); *emaranhada* (itens 4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40); *rígida* (itens 5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41); *caótica* (itens 6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42); *comunicação* (do 43 ao 52) e *satisfação* (do 53 ao 62) (Olson, 2011; Olson & Gorall, 2006).

Na FACES IV as respostas pontuam-se através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, variando de 1 (quase nunca) a 5 (quase sempre), sendo respondidas de acordo com a ocorrência dos comportamentos. Para cotar a escala somam-se os itens e obtém-se os valores de cada subescala. As pontuações em cada escala variam entre 7 e 35. Resultados elevados nas subescalas equilibradas correspondem a um melhor funcionamento familiar, enquanto os resultados baixos indicam um funcionamento familiar problemático. Em contrapartida, nas subescalas desequilibradas, as pontuações altas associam-se a níveis mais elevados de disfunção familiar e as pontuações baixas correspondem a um funcionamento familiar saudável (Olson, 2010). Após a cotação, os resultados brutos devem ser transformados em percentis.

Segundo Olson e Gorall (2006), existem seis *clusters* ou tipologias familiares:

- *Equilibradas ou Balanced*: famílias caracterizadas por pontuações mais altas nas escalas de equilíbrio (coesão e flexibilidade) e mais baixas nas escalas desequilibradas. A combinação das pontuações apontam para uma tipologia familiar com níveis elevados de funcionalidade e baixos níveis de funcionamento problemático. Assim, à partida, este tipo de famílias irá lidar melhor com o stresse e com a mudança.
- *Rigidamente Coesa ou Rigidly Cohesive*: famílias caracterizadas por pontuações altas na subescala rígida e na coesão. Têm pontuações moderadas na subescala emaranhada e pontuações baixas nas subescalas desmembrada e caótica. Este tipo de famílias apresentam um nível elevado de aproximação emocional e também de rigidez. Esta tipologia familiar, em princípio, irá funcionar bem devido ao seu grau de proximidade, no entanto, pode apresentar dificuldades em promover mudanças devido à rigidez evidenciada.
- *Médias ou Midrange*: famílias caracterizadas por pontuações moderadas em todas as subescalas exceto na subescala rígida, em que os valores se podem apresentar como muito elevados ou muito baixos. Estas famílias, em princípio, irão funcionar devidamente, visto que não apresentam um nível elevado de fatores de risco, resultantes de pontuações altas nas subescalas desequilibradas. Contudo, não apresentam grandes fatores de proteção, devido às pontuações baixas nas subescalas equilibradas.
- *Flexivelmente Desequilibradas ou Flexibly Unbalanced*: famílias caracterizadas por pontuações altas em todas as subescalas, exceto na coesão, na qual apresenta níveis moderados a baixos. Todavia, revelam pontuações altas na flexibilidade, o que pode significar que conseguem moldar-se aos problemas. Os autores definem esta tipologia familiar como as mais difíceis de caracterizar.
- *Caoticamente Desmembrada ou Chaotically Disengaged*: famílias caracterizadas por baixas pontuações nas subescalas emaranhada e rígida, bem como pontuações altas nas subescalas caótica e desmembrada. Este tipo de família poderá mostrar problemas graves pela falta de aproximação emocional entre os seus membros.
- *Desequilibradas ou Unbalanced*: famílias caracterizadas por altas pontuações nas quatro subescalas desequilibradas e pontuações baixas nas duas escalas equilibradas, ou seja, são o oposto das famílias equilibradas. Estas famílias apresentam muitos problemas no seu funcionamento geral e são as que mais necessitam de terapia.

Olson e Gorall (2006) ainda avaliam o grau de equilíbrio ou desequilíbrio de cada família, tendo em conta o nível de coesão e flexibilidade, correspondendo ao rácio da coesão, da flexibilidade e do rácio total. Assim, os valores acima de 1 refletem um melhor funcionamento e os valores abaixo de 1 um pior funcionamento familiar.

Figura 1

Rácio de Coesão, Flexibilidade e Total (Olson & Gorall, 2006)

Tipologia Familiar	*Rácio de Coesão (1)*			*Rácio de Flexibilidade (2)*			*Rácio Circumplexo Total (3)*
	Coesão equilibrada	Desligado Emaranhado	Rácio de Coesão	Flexibilidade Equilibrada	Rígifo Caótico	Rácio de Flexibilidade	
Equilibrado	83	27/38	2.6	80	35/33	2.4	2.5
Rigidamente equilibrado	72	39/58	1.5	57	76/38	1	1.3
Mediano	47	55/53	.87	47	28/45	.77	.82
Flexivelmente desequilibrado	38	76/44	.63	68	74/81	.87	.75
Caoticamente desligado	18	81/44	.29	25	28/79	.47	.38
Desequilibrado	18	83/69	.24	19	81/75	.24	.24

(1) Rácio de Coesão = Coesão equilibrada / (Desligado + Emaranhado / 2)
(2) Rácio de Flçaxibilidade = Flexibilidade equilibrada / (Rígido + Caótico / 2)
(3) Rácio Circumplexo Total = Rácio de Coesão + Rácio de Flexibilidade / 2 **ou**
(Coesão equilibrada + Flexibilidade equilibrada / 2) / (Desligado + Emaranhado + Rígido + Caótico / 4)

Foi calculado o alfa de Cronbach e os valores obtidos oscilam entre 0,42 e 0,91. Alguns dos valores são considerados aceitáveis a muito bons, no entanto, também observamos um valor abaixo do aceitável na subescala emaranhada (DeVellis, 1991). Neste âmbito, DeVellis (1991) refere que na área das ciências sociais e humanas poderão ser aceitáveis valores de alfa de Cronbach mais baixos. Sublinha-se que, de modo geral, estes valores estão em linha com os valores da validação portuguesa (Tabela 4).

Tabela 4

Valores de Alfa de Cronbach da FACES-IV

Subescalas	**Alfas de Cronbach Estudo atual**	**Alfas de Cronbach Validação Portuguesa**
Coesão equilibrada	0,70	0,89
Flexibilidade equilibrada	0,67	0,84
Desmembrada	0,64	0,87
Emaranhada	0,42	0,77
Rígida	0,62	0,82
Caótica	0,57	0,86
Comunicação	0,84	0,93
Satisfação	0,91	0,90

4 – Escala de Vinculação do Adulto (EVA; versão original de Collins & Read, 1990; versão portuguesa de Canavarro, 1997)

A EVA (Anexo 3) é um questionário de autorresposta que se destina a avaliar a vinculação no adulto. Contém um total de 18 itens pontuados numa escala do tipo *Likert* que varia entre 1 (nada característico em mim) e 5 (extremamente característico em mim). Avalia especificamente três dimensões: 1) *ansiedad*e - grau de ansiedade que o sujeito sente em relação a questões interpessoais como o medo do abandono ou de não ser bem querido (itens 3, 4, 9, 10 e 15); 2) *contacto com a proximidade* - grau em que a pessoa se sente confortável com a proximidade e intimidade (itens 1, 6, 8, 12, 13 e 14) e 3) *confiança nos outros* - grau de confiança nos outros e na sua disponibilidade, quando necessária (itens 2, 5, 7, 16, 17 e 18).

No que respeita aos procedimentos de cotação, existem itens que estão invertidos (2, 7, 8, 13, 16, 17 e 18) e o resultado corresponde à soma do conjunto de itens que compõe cada dimensão, dividindo a pontuação alcançada pelo número de itens (6). O total da escala é obtido através do somatório de todos os itens.

Foi calculado o alfa de Cronbach e os resultados variam entre 0,50 e 0,91. Segundo DeVellis (1991), os valores são considerados aceitáveis a muito bons. No entanto, a consistência interna da dimensão confiança nos outros é muito baixa. Porém, segundo DeVellis (1991), na área das ciências sociais e humanas poderão ser aceitáveis valores de alfa de Cronbach mais baixos. Evidenciam-se que, de forma geral, os valores estão em linha com o obtido na validação da versão portuguesa (Tabela 5).

Tabela 5

Valores de Alfa de Cronbach da EVA

Dimensões	Alfas de Cronbach Estudo atual	Alfas de Cronbach Validação
Ansiedade	0,91	0,84
Contacto com a proximidade	0,72	0,67
Confiança nos outros	0,50	0,54

Procedimentos

Foram solicitados e concedidos os pedidos de autorização aos autores dos instrumentos do presente estudo. O protocolo geral do estudo foi reproduzido na plataforma *Google Forms* e divulgado nas redes sociais. A recolha dos dados decorreu entre junho e agosto de 2020. O tempo de preenchimento teve uma duração média de 20 minutos. Os participantes aceitaram participar neste estudo através do consentimento informado (Apêndice 1), no qual lhes foi

apresentada a investigação e assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados. Também foram garantidos todos os princípios éticos inerentes a uma investigação em Psicologia.

Análise Estatística

Para a análise dos dados utilizámos o programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 26.0 para Mac.

Inicialmente realizamos o cálculo da normalidade da amostra (Teste Kolmogorov-Smirnov) que indicou que as variáveis em estudo não revelavam uma distribuição normal. Também foram calculados os índices da assimetria (*Sk)* e curtose (*Ku*), verificando-se valores aceitáveis (*Sk* < 3 e *Ku* < 10). Dado que os valores não indicaram violações à distribuição da amostra, optamos por usar a estatística paramétrica, uma vez que a amostra tende para a normalidade quando o *n* é superior a 30 (Pestana & Gageiro, 2008). Contudo, também foi necessário recorremos aos testes não paramétricos, devido à dimensão reduzida de alguns grupos.

Resultados

Resultados da análise retrospetiva - Perceção de violência na escola e do funcionamento familiar (IAVE e FACES IV)

Iniciamos a apresentação dos resultados com a análise descritiva da perceção de violência na escola- IAVE (Tabela 6). Nesta análise tivemos em consideração apenas os sujeitos que experienciaram violência escolar na sua adolescência (*n* = 60).

Os sujeitos que experienciaram *bullying* apresentaram pontuações médias mais elevadas na dimensão clima geral da escola (*M* = 25,80), ou seja, refere-se à perceção que têm do ambiente da escola durante a sua adolescência (resultado da conjugação das três escalas: eu agredido, eu como espectador e eu como agressor). Já no que diz respeito à violência total percecionada verificámos que os valores médios se encontram abaixo da média (*M* = 80,08), logo, aponta para uma baixa frequência de violência a que os participantes foram potencialmente sujeitos na escola.

Tabela 6

Pontuações médias e desvios-padrão nas dimensões e no total do IAVE nos sujeitos que vivenciaram experiências de bullying

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)	
	Intervalo	*M (DP)*
Eu como agredido	6-35	17,82 (5,32)
Eu como espectador	6-36	17,32 (6,87)
Eu como agressor	6-24	19,15 (3,66)
Clima geral da escola	11-35	25,80 (4,60)
Violência total percecionada	55-124	80,08 (11,35)

Nota. n = número total de sujeitos da amostra*; M* = média*; DP* = desvio padrão.

A Tabela 7 apresenta os resultados da análise descritiva nas subescalas equilibradas da FACES-IV, comparando os sujeitos que vivenciaram experiências de *bullying* e os que não vivenciaram.

Os resultados indicam que os sujeitos que viveram experiências de *bullying* apresentaram valores médios baixos na coesão equilibrada (*M* = 16,02), sendo que 53 sujeitos (88,3%) consideraram a sua família como algo coesa, patamar mais baixo da coesão equilibrada. O grupo que teve experiências de *bullying* também apresentou pontuações médias baixas na flexibilidade equilibrada (*M* = 17,83), com 34 sujeitos (56,7%) a considerarem o funcionamento da família como algo flexível.

Os sujeitos que não viveram experiências de *bullying* obtiveram pontuações médias baixas na coesão equilibrada (*M* = 15,57), onde 35 sujeitos (94,6%) percecionaram a família como algo coesa. Os resultados na flexibilidade equilibrada são semelhantes, ou seja, com pontuações médias baixas (*M* = 15,14) e 28 sujeitos (75,7%) a percecionarem a sua família como algo flexível. De salientar ainda que o grupo que não teve experiências de *bullying* apresentou valores médios mais baixos na coesão e na flexibilidade.

As diferenças entre grupos, calculada através do teste *t* de Student para amostras independentes, mostraram que existe uma diferença estatisticamente significativa na subescala flexibilidade equilibrada ($t(95) = -2,35$, $p = 0,021$), observando-se que os sujeitos que na sua infância ou adolescência estiveram envolvidos em alguma situação de violência (experiências de *bullying*) obtiveram as pontuações médias mais altas (*M* = 17,83), comparando com os sujeitos que não estiveram envolvidos em situação de violência durante a sua infância ou adolescência.

Tabela 7

Pontuações médias e desvios-padrão nas subescalas equilibradas da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)				**Sujeitos que não viveram experiências de *bullying* (*n* = 37)**					
	Nível	*n (%)*	*Inter-valo*	*M (DP)*	*Nível*	*n (%)*	*Inter-valo*	*M (DP)*	*t*	*p*
Coesão	Algo coesa	53 (88,3)			Algo coesa	35 (94,6)				
Equilib.	Coesa	5 (8,3)	7-29	16,02 (6,29)	Coesa	2 (5,4)	8-27	15,57 (5,39)	-0,360	0,720
	Muito coesa	2 (3,3)								
Flexibil.	Algo flexível	34 (56,7)			Algo flexível	28 (75,7)				
Equilib.	Flexível	16 (26,7)	7-31	17,83 (6,64)	Flexível	8 (21,6)	8-27	15,14 (4,63)	-2,353	0,021*
	Muito flexível	10 (16,7)			Muito flexível	1 (2,7)				

Nota. *n* = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes; *p* = nível de significância estatística (**$p < 0,01$; *$p < 0,05$).

Seguidamente, apresentamos os resultados da análise descritiva nas subescalas desequilibradas da FACES-IV, comparando os sujeitos que viveram experiências de *bullying* e os que não viveram.

A Tabela 8 mostra-nos que os sujeitos que viveram experiências de *bullying* apresentaram pontuações médias altas na subescala emaranhada (*M* = 20,70), subescala rígida (*M* = 21,22) e subescala caótica (*M* = 22,38), verificando-se que 24 sujeitos (40,0%) classificaram a família como tendo um baixo emaranhamento, 18 sujeitos (30,0%) qualificaram como moderadamente rígida e 22 sujeitos (36,7%) como moderadamente caótica.

Os sujeitos que não viveram experiências de *bullying* obtiveram pontuações médias elevadas na subescala desmembrada (*M* = 21,97) e caótica (*M* = 23,32), verificando-se que 12 sujeitos (34,2%) percecionaram a família como moderadamente desmembrada e 19 sujeitos (51,4%) a percecionarem como moderadamente caótica.

As diferenças entre grupos, calculada através teste *t* de Student para amostras independentes, não revelaram diferença estatisticamente significativas.

Tabela 8

Pontuações médias e desvios-padrão nas escalas desequilibradas da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)				**Sujeitos que não viveram experiências de *bullying* (*n* = 37)**					
	Nível	*n (%)*	*Inter-valo*	*M (DP)*	*Nível*	*n (%)*	*Interv-alo*	*M (DP)*	*t*	*p*
Desmembrada	Muito baixo	6 (10,0)	7-30	21,42 (4,82)	Muito baixo	5 (13,5)	7-29	21,97 (5,16)	0,53	0,593
	Baixo	26 (43,3)			Baixo	10 (27,0)				
	Moderado	17 (28,3)			Moderado	12 (32,4)				
	Alto	10 (16,7)			Alto	10 (27,0)				
	Muito alto	1 (1,7)								
Emaranhada	Muito baixo	9 (15,0)	7-29	20,70 (4,43)	Muito baixo	5 (13,5)	13-28	20,00 (3,41)	-0,82	0,414
	Baixo	24 (40,0)			Baixo	20 (54,1)				
	Moderado	21 (35,0)			Moderado	9 (24,3)				
	Alto	6 (10,0)			Alto	3 (8,1)				
	Muito baixo	13 (21,7)			Muito baixo	6 (16,2)				
Rígida	Baixo	14 (23,3)	7-31	21,22 (6,18)	Baixo	14 (37,8)	12-31	21,19 (4,54)	-0,02	0,981
	Moderado	18 (30,0)			Moderado	12 (32,4)				
	Alto	11 (18,3)			Alto	3 (8,1)				
	Muito alto	4 (6,7)			Muito alto	2 (5,4)				
Caótica	Muito baixo	5 (8,3)	11-31	22,38 (4,75)	Muito baixo	1 (2,7)	13-30	23,32 (3,45)	1,04	0,299
	Baixo	17 (28,3)			Baixo	8 (21,6)				
	Moderado	22 (36,7)			Moderado	19 (51,4)				
	Alto	15 (25,0)			Alto	8 (21,6)				
	Muito alto	1 (1,7)			Muito alto	1 (2,7)				

Nota. *n* = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes; *p* = nível de significância estatística (***p* < 0,01; **p* < 0,05).

A Tabela 9 expõe os resultados da análise descritiva na satisfação e comunicação da FACES-IV, comparando os sujeitos que viveram experiências de *bullying* e os que não viveram.

Os resultados mostraram que os sujeitos que viveram experiências de *bullying* apresentaram na comunicação valores médios elevados (*M* = 26,15), no entanto, observamos que 36 sujeitos (60%) classificaram a comunicação na sua família muito baixa. Já na satisfação apresentou pontuações médias baixas (*M* = 21,52), com 50 sujeitos (83,3%) a considerarem a satisfação familiar muito baixa.

Em contrapartida, os sujeitos que não experienciaram *bullying* obtiveram pontuações médias baixas na comunicação (*M* = 21,95), onde 25 sujeitos (67,6%) percecionam a comunicação familiar muito baixa. Os resultados na satisfação são idênticos, ou seja, pontuações médias baixas (*M* = 24,68), com 26 sujeitos (70,3%) a percecionarem-na como muito baixa.

As diferenças entre grupos, obtidas através teste *t* de Student para amostras independentes, revelaram que existem diferenças estatisticamente significativas na

comunicação ($t(95) = -2,14$, $p = 0,034$), na qual os sujeitos que na sua infância ou adolescência estiveram envolvidos em experiências de *bullying* alcançaram valores médios superiores ($M = 26,15$, $DP = 9,04$), comparando com os sujeitos que não estiveram envolvidos em experiências de *bullying*.

Tabela 9

Pontuações médias e desvios-padrão na comunicação e satisfação da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)				**Sujeitos que não viveram experiências de *bullying* (*n* = 37)**					
	Nível	*n (%)*	*Inter-valo*	*M (DP)*	*Nível*	*n (%)*	*Inter-valo*	*M (DP)*	*t*	*p*
	Muito baixa	36 (60,0)			Muito baixa	25 (67,6)				
Comunicação	Baixa	4 (6,7)	10-41	26,15	Baixa	5 (13,5)	10-41	21,95		
	Moderada	13 (21,7)		(9,04)	Moderada	3 (8,1)		(9,85)	-2,14	**0,034***
	Alta	7 (11,7)			Alta	4 (10,8)				
Satisfação	Muito baixa	50 (83,3)			Muito baixa	26 (70,3)				
	Baixa	5 (8,3)	10-40	21,52	Baixa	8 (21,6)	12-40	24,68	1,97	0,051
	Moderada	3 (5,0)		(7,35)	Alta	3 (8,1)		(8,09)		
	Alta	2 (3,3)								

Nota. n = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes; *p* = nível de significância estatística (**$p < 0,01$; *$p < 0,05$).

De seguida, na Tabela 10, avaliámos o grau de equilíbrio ou desequilíbrio das famílias da nossa amostra, procedendo ao cálculo de pontuações que nos permitem aceder ao rácio da coesão, da flexibilidade e do rácio total, comparando o grupo de sujeitos que experienciaram *bullying* e os que não o experienciaram.

De modo geral, os resultados mostraram-nos que existe um funcionamento familiar problemático, que se encontra incluindo no nível desequilibrado, sobretudo nos sujeitos que não viveram experiências de *bullying*, dado que os valores se encontram todos abaixo de 1.

Tabela 10

Pontuações médias e desvios-padrão nos rácios da FACES-IV, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)			**Sujeitos que não viveram experiências de *bullying* (*n* = 37)**		
	Nível	*Intervalo*	*M (DP)*	*Nível*	*Intervalo*	*M (DP)*
Rácios						
Coesão equilibrada	Desequilibrada	0,19-1,18	0,52 (0,24)	Desequilibrada	0,26-1,35	0,51 (0,24)
Flexibilidade equilibrada	Desequilibrada	0,18-1,61	0,58 (0,28)	Desequilibrada	0,19-1,08	0,48 (0,20)
Total	Desequilibrada	0,29-1,55	0,81 (0,33)	Desequilibrada	0,39-1,62	0,75 (0,30)

Nota. n = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes; *p* = nível de significância estatística (**$p < 0,01$; *$p < 0,05$).

Para analisar as diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da idade dos participantes calculámos o teste *t* de Student para amostras independentes. Os resultados, expostos na Tabela 11, apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos na dimensão ansiedade ($t(93) = -0,41$, $p = 0,046$), onde os sujeitos com idades compreendidas entre os 25 e os 30 anos obtiveram as pontuações médias mais elevadas ($M = 14,73$), comparando com os sujeitos mais novos com idades entre os 18 e os 24 anos.

Tabela 11

Análise de diferenças na IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável idade

	Idade			
	18-24 anos (n = 39)	25-30 anos (n = 56)		
	M (DP)	*M (DP)*	*t*	*p*
IAVE				
Eu como agredido	18,23 (4,95)	18,05 (4,81)	0,17	0,862
Eu como espectador	18,41 (6,94)	17,20 (6,52)	0,86	0,387
Eu como agressor	19,21 (3,32)	20,18 (3,74)	-1,30	0,195
Clima geral da escola	25,36 (5,34)	24,80 (3,76)	0,59	0,554
Violência total	81,21 (11,82)	80,23 (8,90)	0,45	0,648
FACES-IV				
Coesão equilibrada	14,67 (5,72)	16,61 (5,83)	-1,60	0,111
Flexibilidade equilibrada	15,46 (5,06)	17,84 (6,63)	-1,97	0,051
Desmembrada	22,15 (4,87)	21,27 (5,01)	0,85	0,393
Emaranhada	21,38 (3,81)	19,77 (4,20)	1,91	0,168
Rígida	21,87 (4,69)	20,73 (5,96)	0,99	0,059
Caótica	23,77 (3,66)	22,07 (4,66)	1,89	0,321
Comunicação	23,59 (8,97)	25,38 (9,85)	-0,90	0,061
Satisfação	24,82 (9,02)	21,39 (6,52)	2,03	0,370
EVA				
Ansiedade	14,05 (8,39)	**14,73 (7,35)**	-0,41	**0,046***
Contacto com a proximidade	20,54 (4,80)	20,39 (5,20)	0,13	0,676
Confiança nos outros	19,67 (3,86)	19,77 (4,19)	-0,11	0,890

Nota. n = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes; *p* = nível de significância estatística (*$p < 0,05$).

Seguidamente analisamos as diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável "quantos elementos tinha o agregado familiar" na adolescência, recorrendo-se novamente ao teste *t* de Student para amostras independentes (Tabela 12). Os resultados indicam que existem diferenças entre grupos na subescala rígida ($t(95) = -2,08$, $p = 0,040$), na qual os sujeitos que na sua adolescência tinham agregados familiares com 4 ou mais elementos apresentaram as pontuações médias mais elevadas ($M = 22,10$), comparando com os sujeitos que tinham agregados familiares com 1 a 3 elementos.

Tabela 12

Análise de diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável "quantos elementos tinha o agregado familiar"

	Quantos elementos tinha o agregado familiar			
	1 a 3 (*n* = 36)	4 ou mais (*n* = 61)		
	M (DP)	*M (DP)*	*t*	*p*
IAVE				
Eu como agredido	18,28 (4,54)	18,18 (5,04)	0,09	0,924
Eu como espectador	17,44 (5,18)	17,70 (7,44)	-0,20	0,840
Eu como agressor	19,36 (4,24)	20,00 (3,09)	-0,85	0,396
Clima geral da escola	24,97 (4,25)	25,07 (4,54)	-0,10	0,921
Violência total	80,06 (8,09)	80,95 (11,09)	-0,42	0,674
FACES-IV				
Coesão equilibrada	15,50 (6,14)	16,05 (5,86)	-0,43	0,663
Flexibilidade equilibrada	15,81 (6,23)	17,39 (5,94)	-1,24	0,215
Desmembrada	21,58 (4,07)	21,66 (5,41)	-0,06	0,945
Emaranhada	19,39 (4,64)	21,05 (3,59)	-1,96	0,052
Rígida	19,69 (6,10)	**22,10 (5,11)**	-2,08	**0,040***
Caótica	22,69 (3,38)	22,77 (4,79)	-0,08	0,934
Comunicação	22,33 (9,91)	25,85 (9,12)	-1,77	0,079
Satisfação	23,06 (7,42)	22,52 (8,00)	0,32	0,747
EVA				
Ansiedade	15,42 (8,18)	14,03 (7,49)	0,39	0,398
Contacto com a proximidade	21,02 (5,73)	20,18 (4,50)	0,39	0,392
Confiança nos outros	20,06 (4,36)	19,72 (3,99)	0,70	0,701

Nota. n = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes*; p* = nível de significância estatística (*$p < 0,05$).

Para analisar as diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável "considerava a escola um lugar seguro", efetuámos um teste *U* de *Mann-Whitney* (Tabela 13).

Os resultados demonstram que na subescala flexibilidade equilibrada comunicação observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre grupos ($p = 0,003$ e $p = 0,000$). Os sujeitos que não consideravam a escola um lugar seguro obtiveram as pontuações médias mais altas (*M flexequilibrada* = 68,50: *Mcomunicação* = 72,53).

Ao nível da vinculação constatámos que a dimensão ansiedade apresentou diferenças estatisticamente significativas entre grupos ($p = 0,018$). Foram os sujeitos que consideravam a escola segura que revelaram as pontuações médias mais elevadas ($M = 51,88$), comparando com os sujeitos que não consideravam a escola segura. Por fim, a tabela ainda nos mostra que a dimensão contacto com a proximidade apresentou diferenças estatisticamente significativas entre grupos ($p = 0,039$), constatando-se que os sujeitos que não consideravam a escola um lugar seguro obtiveram as pontuações médias mais elevadas ($M = 62,70$), comparando com os sujeitos que consideravam a escola segura.

Tabela 13

Análise de diferenças no IAVE, FACES-IV e EVA em função da variável "considerava a escola um lugar seguro"

	Considerava a escola um lugar seguro			
	Não (*n* = 15)	Sim (*n* = 82)		
	M	*M*	*U*	*p*
IAVE				
Eu como agredido	41,27	50,41	499,00	0,244
Eu como espectador	49,33	48,94	610,00	0,960
Eu como agressor	61,30	46,75	430,50	0,061
Clima geral da escola	60,47	46,90	443,00	0,084
Violência total	54,33	48,02	535,00	0,424
FACES-IV				
Coesão equilibrada	60,93	46,82	436,00	0,073
Flexibilidade equilibrada	**68,50**	45,43	322,50	**0,003****
Desmembrada	42,97	50,10	524,50	0,364
Emaranhada	53,20	48,23	552,00	0,528
Rígida	48,40	49,11	606,00	0,928
Caótica	41,13	50,44	497,00	0,237
Comunicação	**72,53**	44,70	262,00	**0,000****
Satisfação	37,37	51,13	440,50	0,081
EVA				
Ansiedade	33,23	**51,88**	378,50	**0,018***
Contacto com a proximidade	**62,70**	46,49	409,50	**0,039***
Confiança nos outros	59,00	47,17	465,50	0,133

Nota. *n* = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *U* = teste *U* de *Mann-Whitney; p* = nível de significância estatística (***p* < 0,01; **p* < 0,05).

Também analisamos as diferenças na FACES-IV e EVA em função da variável "violência total percecionada", recorrendo-se ao teste *t* de Student para amostras independentes.

Na Tabela 14 observamos que há diferenças entre grupos na subescala emaranhada ($t(95) = 2{,}16$, $p = 0{,}035$), onde os sujeitos que percecionaram menos violência obtiveram pontuações médias mais elevadas ($M = 21{,}34$), comparativamente com os sujeitos que percecionaram mais violência.

Tabela 14

Análise de diferenças na FACES-IV e EVA em função da variável "violência total percecionada"

	Violência total percecionada			
	Sujeitos que percecionaram menos violência (*n* = 47)	Sujeitos que percecionaram mais violência (*n* = 50)		
	M (DP)	*M (DP)*	*t*	*p*
FACES-IV				
Coesão equilibrada	15,68 (5,95)	16,00 (5,98)	-0,263	0,793
Flexibilidade equilibrada	16,89 (6,31)	16,72 (5,90)	1,40	0,889
Desmembrada	21,64 (4,77)	21,62 (5,13)	0,18	0,986
Emaranhada	**21,34 (4,75)**	19,58 (3,11)	2,16	**0,035***
Rígida	21,96 (5,69)	20,50 (5,45)	1,28	0,201
Caótica	23,21 (3,83)	22,30 (4,70)	1,04	0,300
Comunicação	24,19 (8,82)	24,88 (10,22)	-0,35	0,724
Satisfação	22,82 (7,37)	22,82 (7,37)	-0,12	0,898
EVA				
Ansiedade	14,49 (7,91)	14,60 (7,65)	-0,07	0,944
Contacto com a proximidade	19,70 (4,84)	21,28 (5,05)	-1,56	0,120
Confiança nos outros	19,60 (4,08)	20,08 (4,17)	-0,57	0,565

Nota. n = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes; *p* = nível de significância estatística (*$p < 0,05$).

Resultados da análise atual (EVA)

Na Tabela 15 procedeu-se à exploração da classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação. Para o efeito, primeiro calculamos os valores médios nas dimensões Ansiedade, Confiança e Conforto com a Proximidade. De seguida, foi calculado o valor compósito das dimensões Confiança nos Outros e Conforto com a Proximidade, criando a variável ConfortoConfiança. Finalmente, procedeu-se à classificação dos indivíduos a partir dos valores obtidos na variável ConfortoConfiança e na variável Ansiedade.

Como podemos verificar na tabela, foi possível classificar 91,7% dos sujeitos que experienciaram *bullying*, ficando por classificar 8,3% sujeitos, que apresentaram valores intermédios, ou seja, podem situar-se na fronteira entre vários estilos em simultâneo. A classificação dos sujeitos pelos estilos foi a seguinte: 61,7% seguros, 16,7% amedrontados, 10,0% preocupados e 3,3% desligados.

Foi igualmente possível classificar 97,3% sujeitos que não experienciaram *bullying*, ficando por classificar 2,7% sujeitos, que apresentaram valores intermédios, dado que se situaram na fronteira entre vários estilos em simultâneo. A classificação dos sujeitos pelos estilos foi a seguinte: 51,4% seguros, 24,3% amedrontados, 16,2% preocupados e 5,4% desligados.

Tabela 15

Distribuição dos sujeitos por protótipos de vinculação (EVA)

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)		**Sujeitos que não viveram experiências de *bullying* (*n* = 37)**	
	n	*%*	*n*	*%*
Seguro	37	61,7	19	51,4
Preocupado	6	10,0	6	16,2
Desligado	2	3,3	2	5,4
Amedrontado	10	16,7	9	24,3

Nota. *n* = número de sujeitos da amostra.

Na Tabela 16 realizamos uma análise descritiva da EVA, que revela a qualidade da vinculação atual dos jovens adultos da nossa amostra, fazendo uma comparação com os que viveram e os que não viveram experiências de *bullying*.

Os resultados demonstraram que os sujeitos que vivenciaram *bullying* obtiveram as pontuações médias mais altas na dimensão contacto com a proximidade (*M* = 3,46, *DP* = 0,76) e confiança nos outros (*M* = 3,32, *DP* = 0,63). Por sua vez, os sujeitos que não vivenciaram *bullying* durante a infância/adolescência apresentaram valores médios superiores na dimensão ansiedade (*M* = 2,65, *DP* = 1,32).

As diferenças entre grupos, obtidas através teste *t* de Student para amostras independentes, apontaram para a ausência de diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 16

Pontuações médias e desvios-padrão nas dimensões da EVA, dependendo dos participantes terem vivido ou não experiências de bullying

	Sujeitos que viveram experiências de *bullying* (*n* = 60)		**Sujeitos que não viveram experiências de *bullying* (*n* = 37)**			
	Intervalo	*M (DP)*	*Intervalo*	*M (DP)*	*t*	*p*
Ansiedade	0,83-4,17	2,28 (1,25)	1,50-4,17	2,65 (1,32)	2,02	0,163
Contacto com a proxim.	1,17-5	3,46 (0,76)	1-5	3,34 (0,93)	-1,56	0,477
Confiança nos outros	1,67-4,33	3,32 (0,63)	1,83-3,83	3,27 (0,76)	-1,47	0,752

Nota. Contacto com a proxim: contacto com a proximidade;.*n* = número de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = teste *t* de *Student* para amostras independentes*; p* = nível de significância estatística (***p* < 0,01; **p* < 0,05).

Discussão e Conclusão

Sobre como as experiências de *bullying* e a perceção do funcionamento familiar na adolescência estão relacionadas com a vinculação em jovens adultos concluem-se 6 resultados fundamentais:

1. Os sujeitos que experienciaram *bullying* assumiram predominantemente um papel de agressores, revelando uma elevada perceção sobre o ambiente de violência na escola.
2. Tanto os sujeitos que viveram experiências de *bullying*, como os que não as viveram, apresentam valores médios baixos na coesão e na flexibilidade equilibrada, enquadrando-se no cluster 3 famílias médias/*midrange*.
3. Os sujeitos que na sua adolescência viveram experiências de *bullying* percecionaram mais flexibilidade na família, maior emaranhamento, rigidez, caoticidade e maior comunicação. Por outro lado, percecionam menor satisfação familiar.
4. Dos sujeitos que experienciaram *bullying* 61,7% manifestaram uma vinculação segura, o mesmo ocorreu nos sujeitos que não experienciaram *bullying*, embora com uma percentagem menor, ou seja, com 51,4% a revelarem uma vinculação segura.
5. Os sujeitos que não consideravam a escola um lugar seguro percecionaram um funcionamento familiar mais flexível, uma maior comunicação entre os elementos da família e um maior contacto com a proximidade na vinculação.
6. Os sujeitos que percecionavam menos violência na escola consideravam o funcionamento das suas famílias como mais emaranhado.
7. Os sujeitos que na sua adolescência tinham agregados familiares com 4 ou mais elementos percecionam um funcionamento familiar mais rígido.

Os principais resultados, da análise retrospetiva, indicam que os sujeitos que experienciaram *bullying* assumiram predominantemente um papel de agressores, revelando uma perceção elevada de violência na escola. Porém, ainda assim, no que diz respeito à violência total percecionada verificámos que os valores médios se encontram abaixo da média, apontando para uma baixa frequência de violência percecionada no contexto escolar. Estes dados são semelhantes aos encontrados em alguns estudos que documentam que as escolas são locais onde se cruzam inúmeros indivíduos, com culturas e valores próprios e com as suas vivências individuais. Existem nas escolas e, principalmente nas relações entre pares, diferentes tipos de agressividade e violência. Estas têm impacto distinto quanto ao desconforto que as situações implicam para a criança ou adolescente, para a escola e para a comunidade em

geral, ou seja, é uma perceção subjetiva (Matos et al., 2012). É igualmente importante ter em conta o clima escolar quando se estuda o fenómeno da violência, sendo que o clima escolar é fruto da perceção individual e coletiva da realidade de cada escola (Blaya, 2006) e que no caso da nossa amostra foi reduzida.

Os resultados respeitantes ao funcionamento familiar, em específico nas subescalas equilibradas, revelam que tanto os sujeitos que viveram experiências de *bullying*, como os que não as viveram, apresentam valores médios baixos na coesão e na flexibilidade equilibradas. São consideradas famílias enquadradas próximas do cluster 3 - *Médias ou Midrange*. Famílias caracterizadas por pontuações moderadas em todas as subescalas exceto na subescala rígida, em que os valores se podem apresentar como muito elevados ou muito baixos. Estas famílias podem ter um funcionamento ajustado se não forem colocadas face a elevados fatores de risco, podendo apresentar vulnerabilidades face às crises uma vez que têm limitados fatores de proteção, devido às pontuações baixas nas subescalas equilibradas (Olson & Gorral, 2006).

Ainda observamos através da análise de diferenças que os sujeitos que na sua adolescência estiveram envolvidos em alguma situação de violência percecionaram mais flexibilidade na família, um funcionamento mais emaranhado, rígido e caótico. Neste âmbito, os nossos resultados corroboram, em parte, a literatura. Por exemplo, o estudo de Pérez-Fuentes e colaboradores (2019) sugere que o desenvolvimento positivo do adolescente e o funcionamento familiar funcional foram preponderantes em indivíduos não agressivos, comparando com os agressivos. Num sentido semelhante, Gomes e Gouveia-Pereira (2019) referem na sua investigação que existem associações lineares entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante juvenil, salientando que níveis extremos de coesão (funcionamento familiar desmembrado e emaranhado) e de flexibilidade (funcionamento familiar rígido e caótico) apresentaram relações curvilíneas com o baixo autocontrolo dos adolescentes, o que pode conduzir estes jovens a envolverem-se mais facilmente em situações de *bullying*. As situações de *bullying* foram significativamente menores em sujeitos com famílias "saudáveis" e com autoconceito elevado, comparativamente com aqueles que pertenciam a famílias "não saudáveis" e que apresentavam um autoconceito baixo (Arslan & Savaser, 2012), o que apoia os nossos resultados.

Os dados obtidos também apontam para os sujeitos que viveram experiências de *bullying* a percecionarem maior comunicação e menor satisfação familiar. Em contrapartida, os sujeitos que não experienciaram *bullying* percecionaram a existência de uma baixa comunicação e satisfação familiar. Verificamos igualmente que há diferenças significativas na

comunicação, na qual os sujeitos que na sua adolescência estiveram envolvidos em experiências de *bullying* alcançaram valores médios superiores. De alguma forma, estes resultados surpreenderam-nos, tendo em conta a tendência da literatura. Relativamente à comunicação, Olson & Gorall (2006) consideram-na como uma dimensão facilitadora que envolve a capacidade de escuta, respeito e diálogo entre os membros da família, refletindo assim os aspetos afetivos da comunicação. Com base nestas ideias e nos resultados anteriores, pressupomos que os jovens da nossa amostra, que vivenciaram experiências de *bullying*, encontraram na sua família um suporte importante para lidar com os seus problemas/vivências mais difíceis e potencialmente traumáticas. Parece-nos que, mesmo com um funcionamento familiar predominantemente desequilibrado, estes jovens e as suas famílias encontraram na comunicação um processo de ajustamento face aos problemas, o que se refletiu num funcionamento mais flexível e comunicativo entre os elementos da família.

Os resultados da análise atual incidiram na exploração da classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação propostos por K. Bartholomew (1990). Através desta análise observamos que dos sujeitos que experienciaram *bullying* 61,7% manifestaram uma vinculação segura, o mesmo ocorreu nos sujeitos que não experienciaram *bullying*, embora com uma percentagem menor, ou seja, com 51,4% a revelarem uma vinculação segura. A nível descritivo, também compreendemos que os sujeitos que vivenciaram *bullying* sentem-se mais confortáveis com o contacto com a proximidade e sentem mais confiança nos outros. Neste contexto, as evidências científicas sugerem que os comportamentos de *bullying*, particularmente a vitimização verbal e relacional, são preditores de uma vinculação na adultez menos estável (Cosgrove et al., 2017). Os autores mencionam que a explicação para estes resultados pode estar relacionada com o efeito duradouro que essas experiências têm nas pessoas, até porque os agressores se centralizam em afetar os relacionamentos sociais e as personalidades das vítimas. No nosso estudo, os jovens que experienciaram *bullying* tiveram maioritariamente um papel de agressores, sendo que o impacto da violência na relação com o outro tem necessariamente implicações muito distintas das que teria se fossem vítimas. Dado que pode colaborar para explicar a qualidade da vinculação na atualidade. Também consideramos que a comunicação familiar pode ter influenciado positivamente o desenvolvimento da vinculação, sugerindo que na sua infância percecionavam as figuras de referência como responsivas e disponíveis (Bosmans et al., 2006) e que o laço afetivo que estabeleceram com as mesmas, enquanto crianças, produziu segurança e proteção, que se prolongaram no tempo.

Também verificamos que foram os sujeitos que não consideravam a escola um lugar seguro que percecionaram um funcionamento familiar mais flexível, uma maior comunicação entre os elementos da família e um maior contacto com a proximidade na vinculação. Devido à escassez de estudos que analisem estas variáveis, optamos por desenvolver uma hipótese explicativa para este resultado. Coloca-se a hipótese de que os sujeitos que não consideravam a escola um lugar seguro correspondem aos que viveram experiências de *bullying* em contexto escolar e os que consideram a escola um lugar seguro representam os que não viveram experiências de *bullying*. Com base nos resultados anteriormente discutidos, que apontam para a elevada perceção dos participantes relativamente ao ambiente de violência na escola, hipotetiza-se que, os jovens que não consideravam a escola um lugar seguro relacionam-se menos com os pares, neste contexto específico, sendo a família o sistema relacional de referência. Assim, diminuídas as funções dos pares como figuras de vinculação ativas (Alarcão, 2002), a família permanece nesse papel o que pode potenciar maior flexibilidade e comunicação, ou seja, uma melhor organização familiar, envolvendo capacidade de escuta, respeito e diálogo entre os elementos da família (Olson & Gorall, 2006). Ainda neste seguimento, o papel da família espelhou-se numa vinculação baseada no conforto quanto ao contacto com a proximidade (conforto com a proximidade e intimidade) e de confiança nos outros. Por outro lado, parece que os sujeitos que consideravam a escola um lugar seguro não criaram laços afetivos tão fortes com as figuras de referência (baixa comunicação e satisfação familiar), o que parece influenciar a qualidade da vinculação, que neste caso se revelou essencialmente insegura e ansiosa.

As análises realizadas indicam-nos ainda que os sujeitos que na sua adolescência tinham agregados familiares com 4 ou mais elementos percecionam um funcionamento familiar mais rígido. Neste âmbito, é interessante olhar para o estudo de Everri e colaboradores (2016), que analisaram o funcionamento familiar na adolescência, avaliando a perceção de 320 adolescentes. Os resultados indicaram que a rigidez esteve associada a dimensões positivas do funcionamento da família quanto à flexibilidade associada a uma monitorização parental e satisfação familiar superior. O que vem mostrar que graus mais moderados de rigidez, ainda assim considerados desequilibrados, podem ser, nalgumas famílias, um fator de ajustamento mesmo com um agregado familiar de grandes dimensões.

Por fim, os sujeitos que percecionavam menos violência na escola, também consideravam o funcionamento das suas famílias como mais emaranhado. A hipótese explicativa subjacente a estes resultados pode relacionar-se com o estabelecimento de relações

excessivamente próximas e muito dependentes entre os seus membros, existindo pouca privacidade e separação pessoal (Olson & Gorall, 2006). O facto de ocorrer nos jovens que percecionavam menos violência em contexto escolar pode ser indicador que provavelmente foram crianças/adolescentes menos autónomos, mais frágeis e inseguros.

Relativamente às limitações, a primeira prende-se com a extensão e complexidade do protocolo de investigação por solicitar análises retrospetivas para umas variáveis e atuais para outras, o que poderá ter interferido com o rigor das respostas. Outra limitação parece estar relacionada com o desenho da investigação ser transversal, o que não possibilita estabelecer relações de causalidade. A inexistência de investigações com as variáveis em estudo foi um constrangimento na compreensão mais extensa dos resultados, mas também evidência da pertinência da análise das variáveis propostas.

Embora este trabalho não inclua uma amostra representativa da população de jovens portugueses é um contributo importante para a expansão de estudos científicos nesta área.

Em trabalhos futuros sugere-se que estudem jovens adolescentes e não adultos que experienciaram *bullying* quanto às variáveis em causa. Também se sugere a análise em jovens adultos de outras experiências de violência que não em contexto escolar. A inclusão de variáveis individuais, para além das contextuais, também seria pertinente, podendo-se explorar os traços de personalidade em jovens adultos cruzando com o funcionamento familiar e a vinculação no adulto (e.g., Mazzone & Camodeca, 2019).

Reforça-se a importância de continuar a explorar as variáveis sistémicas envolvidas no *bullying*, bem como as consequências que este comportamento acarreta no desenvolvimento psicossocial dos envolvidos. Estas análises são fundamentais para fundamentar a intervenção. Proteger as crianças e jovens de hoje contribui para potenciar um futuro sem violência, através da existência de adultos equilibrados. Assim, a criação e implementação de estratégias de prevenção do *bullying* em contexto escolar constitui-se como um dever social, porquanto só através de diversificadas conjugações de esforços será possível contribuir para um amanhã mais seguro (e.g., Fernandes et al., 2015).

Referências Bibliográficas

Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Almeida, F. (2010). Intervenção psicológica em crianças vítimas de bullying: Artigo de revisão. *Boletim de Sociologia Militar, 1*, 139-144.

Arslan, S. & Savaser, S. (2012). Effect of High School Students' Selfconcept and Family Relationships on Peer Bullying. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde, 25*(4), https://doi.org/405-412. 10.5020 / 18061230.2012.p405

Blaya, C. (2008). *Violência e maus-tratos em meio escolar*. Lisboa: instituto Piaget.

Bosmans, G., Braet, C., van Leeuwen, K., & Beyers, W. (2006). Do parenting behaviors predict externalizing behavior in adolescence, or is attachment the neglected 3rd factor? *Journal of Youth and Adolescence, 35*(3), 373-383. https://doi.org/10.1007 / s10964-005-9026-1

Bowlby, J. (1973/1985). *Attachment and loss. Separation*. London: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1973).

Canavarro, M. C. (1997). Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental (Unpublished phD thesis). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Caridade, S., Martins, A.C., & Nunes, L. (2019). Estilo de vida dos adolescentes e jovens adultos e comportamentos desviantes e delinquentes: Das vivências familiares, escolares e individuais. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social, 5*(1), 40-60. https://doi.org/10.31211/rpics.2019.5.1.106

Carvalho, M.A. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento de informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência (Unpublished* PhD Thesis). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.

Collins, N. & Read, S. (1990). Adult attachment relationships, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 644-683. https://doi.org/ 10.1037/0022-3514.58.4.644

Cosgrove, H.E., Nickerson, A.B., & DeLucia, J. (2017). Past Peer Victimization and Current Adult Attachment in College Students. *Journal of College Counseling, 20*(1), 22-36. https://doi.org/10.1002/jocc.12056

DeVellis, F. R. (1991). *Scale development: Theory and applications*. London: Sage Publications.

Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L. (2016). The Role of Rigidity in Adaptive and Maladaptive Families Assessed by FACES IV: The Points of View of Adolescents. *Journal of Child and Family Studies, 25*, 2987-2997. https://doi.org/10.1007/s10826-016-0460-3

Fang, Q. (2017). *Attachment, Bullying, and Romantic Relationships in College Students* (Published PhD thesis). Bowling Green State University, Ohio, Estados Unidos.

Fernandes, E., Henriques, S., Mendes, S. M., & Ribeiro, E. J. (2015). *Bullying*: Conhecer para Prevenir. *Millenium, 49*, 77-89.

Formosinho, M., & Simões, M. (2001). O bullying na escola: prevalência, contextos e efeitos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *35*(2), 65-82.

Gomes, H.S., & Gouveia-Pereira, M. (2019). Testing the General Theory of Crime with the Circumplex Model: Curvilinear Relations between Family Functioning and Self-Control. *Deviant Behavior*. https://doi.org/10.1080/01639625.2019.1596449

Gorall, T. M., Tiesel, J., & Olson, D. (2006). *FACES IV: Development and Validation.* Minneapolis, MN: Life Innovations, Inc.

Howell, D. (2006). *Statistical methods for psychology* (6ª ed.). USA: Thompson Wadsworth.

Irelandn, J.L. & Power, C.L. (2004). Attachment, Emotional Loneliness, and Bullying Behaviour: A Study of Adult and Young Offenders. *Aggressive Behavior, 30,* 298-312. https://doi.org/10.1002/ab.20035

Kavanagh, A., Priest, N., Emerson, E., Milner, A., & King, T. (2018). Gender, parental education, and experiences of bullying victimization by Australian adolescents with and without a disability. *Child: Care, Health and Development, 44*, 332-341. https://doi.org/10.1111/cch.12545

Lourenço, L.M., & Senra, L.X. (2012). A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. *Aletheia, 37,* 42-56.

Mann, M.J., Kristjansson, A.L., Sigfusdottir, I.D., & Smith, M.L. (2015). The role of community, family, peer, and school factors in group bullying: implications for school-based intervention. *Journal of School Health, 85*, 477-486. https://doi.org/10.1111/josh.12270

Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (7ª edição). Pero Pinheiro: ReportNumber.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência, gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de Ler.

Matos, F.A., Ralha-Simões, H., & Jesus, S.N. (2012). Inventário para Avaliação da Violência na Escola (IAVE) - Construção e Validação Preliminar. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 3*(2), 277-292.

Mazzone, A. & Camodeca, M. (2019). Bullying and Moral Disengagement in Early Adolescence: Do Personality and Family Functioning Matter? *Journal of Child and Family Studies, 28*, 2120-2130. https://doi.org/10.1007/s10826-019-01431-7

Moss, E., St-Laurent, D., Dubois-Comtois, K., & Cry, C. (2005). Quality of attachment at school age. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.71 - 88). New York: Guilford Press.

Nocentini, A., Fiorentini, G., Di Paola, L., & Menesini, E. (2019). Parents, family characteristics and bullying behavior: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior, 45*, 41-50. https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.010

Oliveira, W.A., Silva, J.L., Yoshinaga, A.C.M., & Silva, M.A.I. (2015). Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF, 20*(1), 121-132. https://doi.org/10.1590/1413-82712015200111

Olson, D.H. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy, 37*(1), 64-80. https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x.

Olson, D.H. (2019). Circumplex Model of Marital and Family Systems: An Update. *Journal of Family Theory & Review, 11*, 199-211. https://doi.org/10.1111/jftr.12331

Olson, D.H., & Gorall, D.M. (2006). *FACES IV & the Circumplex Model*. Minneapolis. Minneapolis, MN: Life Innovations. Retrieved from http://www.societyofpediatricpsychology.org/sites/default/files/files/3_innovations.pdf

Olson, D.H., Sprenkle, D.H., & Russell, C.S. (1979). Circumplex model of marital & family systems I: Cohesion & adaptability dimensions, family types, & clinical applications. *Family Process, 18*, 3-28. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x

Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge: Blackwell Edition.

Pervanidou, P., Makris, G., Bouzios, I., Chrousos, G., Roma, E., & Chouliaras, G. (2019). Bullying victimization: Associated contextual factors in a Greek sample of children and adolescents. *Psychiatriki, 30*(3), 216-225. https://doi.org/10.22365/jpsych.2019.303.216

Pérez-Fuentes, M.C., Jurado, M.M.M., Martín, A.BB., & Linares, J.J.G. (2019). Family Functioning, Emotional Intelligence, and Values: Analysis of the Relationship with Aggressive Behavior in Adolescents. *Internacional Journal Environmental Research and Public Health, 16*, 478, 1-14. https://doi.org/10.3390/ijerph16030478

Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. M. (2015). Family Relationships and Parenting Practices: A Pathway to Adolescents' Collectivist and Individualist Values? *Journal of Child and Family Studies, 24*, 3258-3267. https://doi.org/10.1007/s10826-015-0129-3

Reed, S. (2017). *Parenting, Attachment, and Resiliency among Women who were Bullied in High School* (Published PhD Thesis). Capella University, Minneapolis, Minnesota.

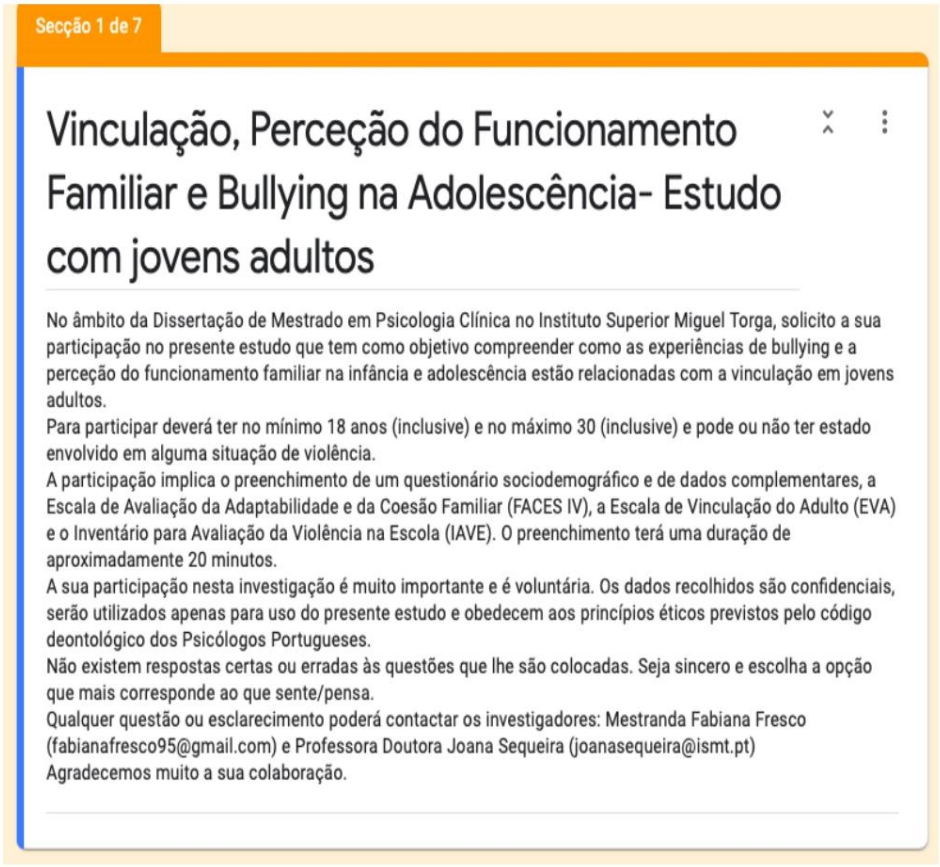
Seixas, S. R. (2009). Diferenças de Género nos Comportamentos de Bullying: Contributos da Neurobiologia. *Interações, 13*, 63-97. https://doi.org/10.25755/int.398

Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios.

Sun, L., Liang, L., & Bian, Y. (2017). Parental Psychological Control and Peer Victimization among Chinese Adolescents: The Effect of Peer Pressure as a Mediator. *Journal of Child and Family Studies, 26*, 3278-3287. https://doi.org/10.1007/s10826-017-0834-1

Anexos e Apêndices

Apêndice 1 – Consentimento informado



Secção 1 de 7

Vinculação, Perceção do Funcionamento Familiar e Bullying na Adolescência- Estudo com jovens adultos

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, solicito a sua participação no presente estudo que tem como objetivo compreender como as experiências de bullying e a perceção do funcionamento familiar na infância e adolescência estão relacionadas com a vinculação em jovens adultos.
Para participar deverá ter no mínimo 18 anos (inclusive) e no máximo 30 (inclusive) e pode ou não ter estado envolvido em alguma situação de violência.
A participação implica o preenchimento de um questionário sociodemográfico e de dados complementares, a Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar (FACES IV), a Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e o Inventário para Avaliação da Violência na Escola (IAVE). O preenchimento terá uma duração de aproximadamente 20 minutos.
A sua participação nesta investigação é muito importante e é voluntária. Os dados recolhidos são confidenciais, serão utilizados apenas para uso do presente estudo e obedecem aos princípios éticos previstos pelo código deontológico dos Psicólogos Portugueses.
Não existem respostas certas ou erradas às questões que lhe são colocadas. Seja sincero e escolha a opção que mais corresponde ao que sente/pensa.
Qualquer questão ou esclarecimento poderá contactar os investigadores: Mestranda Fabiana Fresco (fabianafresco95@gmail.com) e Professora Doutora Joana Sequeira (joanasequeira@ismt.pt)
Agradecemos muito a sua colaboração.

Apêndice 2 – Questionário Sociodemográfico e de dados completamentares

Questionário Sociodemográfico e de dados complementares

Sexo

Feminino
Masculono
Intersexo

Idade:

Nacionalidade

Portuguesa
Outra opção:

Meio de residência

Urbano
Rural

Orientação Sexual

Heterossexual
Homossexual
Bissexual
Assexuado
Outra opção:

Estado Civil

Solteiro(a)
Casado(a) ou em união de facto
Divorciado(a)
Viúvo

Escolaridade completa

Ensino básico (até ao 9ºano)
Ensino secundário (até ao 12ºano)
Licenciatura
Mestrado
Doutoramento

Ocupação atual

Estudante
Trabalhador(a) estudante
Trabalhador(a)
Desempregado(a)
Reformado(a)

Assinale as pessoas que constituem o seu agregado familiar (com quem vive atualmente)

Sozinho(a)
Marido
Mulher
Companheiro
Companheira
Filho
Filhos (mais do que 1)
Padrasto
Madrasta
Pai
Mãe
Irmão/a
Irmãos/as (mais do que 1)
Avô
Avó
Tio
Tia
Primo/a(s)
Sogro/a(s)
Outra opção:

Quantos elementos constituem o seu agregado familiar, contando consigo?

Assinale a opção que melhor descreve o seu agregado familiar

Vivo sozinho(a)
Eu+companheiro(a)
Pais+Filho/s
Pai/Mãe + filho/s
Pais + filho/s + avós/outros familiares
Pai/Mãe + Padrasto/Madrasta + respetivos filhos
Família adotiva
Outra opção:

Rendimento médio mensal do agregado familiar (soma dos ordenados dos adultos)

Até 500€
Entre 500€ e 1000€
Entre 1000€ e 2000€
Mais de 2000€

Mantém algum relacionamento amoroso no momento atual?

Não
Sim

Atualmente, considera que está envolvido(a) em algum relacionamento violento?

Não
Sim

Em algum momento da sua vida esteve envolvido em situações de violência entre pares? (ex: bullying)

Não
Sim

Atualmente, faz algum tipo de terapia/aconselhamento?

Não
Sim

Tem ou teve apoio psiquiátrico?

Não
Sim

Se sim, em que altura?

Não se aplica
Atualmente
Mais de 3 meses
Mais de 6 meses
Mais de 1 ano

Tomou ou toma medicação psiquiátrica?

Não
Sim

Questionário Sociodemográfico e de dados complementares sobre a infância e adolescência

Responda às questões que se seguem reportando-se à sua infância e adolescência

Na sua infância/adolescência vivia em meio

Rural
Urbano

A sua escola era em meio

Rural
Urbano

Assinale as opções que constituíam o seu agregado familiar na infância/adolescência

Pai
Mãe
Irmão(s)
Padrasto
Madrasta
Avô
Avó
Tio
Tia
Primo(s)
Outra opção:

Quantos elementos faziam parte do seu agregado familiar, contando consigo?

Assinale a opção que melhor correspondia ao seu agregado familiar

Pais + filho/s
Pai/Mãe + filho/s
Pais + Filho(s) + Avós/Outros familiares
Pai/Mãe + Padrasto/Madrasta + respetivos filhos
Vivia numa família de acolhimento
Vivia com vizinhos/amigos
Outra opção:

Como avaliava a situação financeira do seu agregado familiar na sua infância/adolescência?

Vivíamos com muitas dificuldades
Vivíamos com dificuldades
Vivíamos com o suficiente
Vivíamos confortavelmente
Vivíamos muito confortavelmente

Alguém no seu agregado familiar tinha incapacidade física ou mental? (ex: síndrome de down, paralisia cerebral, cegueira, limitações motoras)

Não
Sim

Como considerava o seu desempenho enquanto aluno?

Muito fraco
Fraco
Mediano
Bom
Muito bom

Reprovou algum ano?

Não
Sim

Se sim, em qual/quais?

Não se aplica
1ºano
2ºano
3ºano
4ºano
5ºano
6ºano
7ºano
8ºano
10ºano
11ºano
12ºano

Considerava a sua escola um lugar seguro?

Sim
Não

Na sua infância/adolescência esteve envolvido em alguma situação de violência entre pares? (ex: bullying)

Não
Sim

Em que ano/s escolar/es ocorreu as situações de violência?

Não se aplica
1ºano
2ºano
3ºano
4ºano
5ºano
6ºano
7ºano
8ºano
10ºano
11ºano
12ºano

Considera, atualmente, que a situação de violência que experienciou interfere com a sua vida?

Não se aplica
Não interfere
Interfere pontualmente
Interfere muito

Se considerar que interfere na sua vida atual, refira em que áreas

Não se aplica
Família
Par conjugal
Contextos sociais
Amigos
Trabalho
Relações interpessoais
Outra opção:

Anexo 1 – Inventário para Avaliação da Violência na Escola

Inventário para Avaliação da Violência na Escola

Filomena Adelaide de Matos, 2009-2010

A tua opinião é muito importante para nós. Por isso, precisamos que nos dês a tua opinião acerca de algumas afirmações, tendo em conta a tua experiência. Não há respostas certas nem erradas. Lê cuidadosamente cada uma das afirmações e responde como te parecer mais certo.
Muito obrigada pela tua participação.

	Na minha escola, já me aconteceu…	Nunca	1 ou 2 vezes	2/3x mês	1 x semana	Várias vezes por semana	Sempre
1	Empurrarem-me com violência, baterem-me, magoarem-me de propósito, apalparem-me contra a minha vontade…						
2	Ameaçarem-me, fazerem intrigas a meu respeito, levantarem calúnias sobre mim ou sobre a minha família…						
3	Gozarem-me, humilharem-me, chamarem-me nome ofensivos…						
4	Tirarem-me coisas que me pertencem, estragarem-me coisas (roupas ou objetos) de propósito…						
5	Excluírem-me do grupo, das brincadeiras, das conversas…						
6	Ser provocado pelos outros						

	Na minha escola, já vi alguém…	Nunca	1 ou 2 vezes	2/3x mês	1 x semana	Várias vezes por semana	Sempre
7	Ser empurrado com violência, ser batido, ser magoado de propósito, ser apalpado contra a sua vontade						
8	Ser ameaçado, ser alvo de intrigas ou de calúnias						
9	Ser gozado, humilhado ou a quem chamaram nomes ofensivos						
10	A quem tiraram ou estragaram coisas						
11	Ser excluído do grupo, das brincadeiras, das conversas…						
12	Ser provocado pelos outros						

	Na minha escola, eu já…	Nunca	1 ou 2 vezes	2/3x mês	1 x semana	Várias vezes por semana	Sempre
13	Empurrarei com violência, bati, magoei de propósito, apalpei alguém contra a sua vontade…						
14	Ameacei, fiz intrigas a respeito de outras pessoas, levantei calúnias sobre outros…						
15	Gozei outro colega, humilhei, chamei nomes ofensivos						
16	Tirei ou estraguei coisas a outros colegas						
17	Excluí colegas do grupo, das brincadeiras, das conversas…						
18	Tomei parte na provocação de outros colegas						

	Em geral…	Nunca	Quase nunca	Poucas vezes	Muitas vezes	Quase sempre	Sempre
19	Envolvo-me em lutas com os outros						
20	Sou vítima de agressão ou de perseguição de outros na Escola						
21	Os meus colegas consideram-me uma pessoa agressiva						
22	Eu sou uma pessoa agressiva						
23	Os meus colegas são agressivos						
24	A minha escola é um local perigoso						

Anexo 2 – Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar IV

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA
DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO & DESENVOLVIMENTO
CEPESE
www.ismt.pt
investig@ismt.pt
239 483 055

CÓDIGO ☐

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar (FACES IV)

Versão original: Gorall, Tiesel e Olson, 2004, 2006

Versão portuguesa: Sequeira, Cerveira, Moreira, Neves, Silva, Espírito-Santo, Guadalupe e Vicente, 2015

Leia cuidadosamente cada afirmação e assinale com uma cruz (x) no quadrado respetivo, a opção de resposta que está mais de acordo com a perceção que tem da sua família. Não há respostas "certas" ou "erradas" nem respostas para causar uma boa impressão. Por favor, não deixe nenhuma questão em branco.

Em que medida está de acordo com cada uma das seguintes afirmações.

	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo totalmente
1. Os elementos da família envolvem-se na vida uns dos outros.					
2. A nossa família procura novas maneiras para lidar com os problemas.					
3. Damo-nos melhor com pessoas fora da família do que entre nós.					
4. Passamos muito tempo juntos.					
5. Quando se quebram as regras da família há consequências graves.					
6. Na nossa família parece que nunca nos organizamos.					
7. Os elementos da família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
8. Na nossa família os pais partilham a liderança de um modo equilibrado.					
9. Quando estão em casa, os membros da família parecem evitar o contacto uns com os outros.					
10. Os elementos da família sentem-se pressionados para passar a maioria do tempo livre juntos.					
11. Existem consequências claras quando um elemento da família faz algo errado.					
12. É difícil perceber quem é o líder na nossa família.					
13. Nos momentos difíceis os elementos da família apoiam-se uns aos outros.					
14. As regras são justas na nossa família.					
15. Na nossa família sabe-se muito pouco acerca dos amigos uns dos outros.					
16. Na nossa família somos muito dependentes uns dos outros.					
17. A nossa família tem uma regra para quase tudo.					
18. Na nossa família não conseguimos concretizar as coisas					
19. Os elementos da família consultam-se sobre decisões importantes.					
20. A minha família é capaz de se ajustar às mudanças quando é necessário.					
21. Quando há um problema para ser resolvido cada um está por sua conta.					
22. Os elementos da família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família.					
23. A nossa família é extremamente organizada.					
24. É pouco claro quem é responsável pelas tarefas e atividades na nossa família.					
25. Os elementos da família gostam de passar parte do seu tempo livre juntos.					
26. Alternamos entre nós as responsabilidades domésticas.					
27. Na nossa família raramente fazemos coisas em conjunto.					
28. Sentimo-nos muito ligados uns aos outros.					

www.ismt.pt
investig@ismt.pt
239 483 055

CÓDIGO [ ]

	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo totalmente
29. Na nossa família ficamos frustrados quando há uma alteração nos planos ou rotinas estabelecidas					
30. Não há liderança na nossa família.					
31. Apesar dos elementos da família terem interesses individuais, continuam a participar nas actividades familiares					
32. Na nossa família temos regras e papéis claros.					
33. Os elementos da família raramente dependem uns dos outros.					
34. Ressentimo-nos quando alguém faz coisas fora da família.					
35. É importante seguir as regras na nossa família.					
36. Na nossa família temos dificuldades em saber quem faz o quê nas tarefas de casa.					
37. Na nossa família existe um bom equilíbrio entre a separação e a proximidade.					
38. Quando os problemas surgem nós comprometemo-nos.					
39. Geralmente os elementos da família agem de forma independente.					
40. Sentimo-nos culpados quando queremos passar algum tempo longe da família.					
41. Uma vez tomada uma decisão é muito difícil alterá-la.					
42. A nossa família sente-se caótica e desorganizada.					
43. Na nossa família sentimo-nos satisfeitos com a forma como comunicamos uns com os outros.					
44. Os elementos da família são muito bons ouvintes.					
45. Na nossa família expressamos afeto uns pelos outros.					
46. Os elementos da família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.					
47. Na nossa família podemos discutir calmamente os nossos problemas.					
48. Os elementos da família debatem as suas ideias e convicções.					
49. Quando colocamos questões uns aos outros recebemos respostas honestas.					
50. Os elementos da família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.					
51. Quando nos zangamos raramente dizemos coisas negativas uns aos outros.					
52. Os elementos da família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.					

	Insatisfeito	Geralmente satisfeito	Muito satisfeito	Totalmente satisfeito
53. O grau de proximidade entre os membros da família.				
54. A capacidade da família lidar com o *stress*.				
55. A capacidade da família para ser flexível.				
56. A capacidade da família para partilhar experiências positivas.				
57. A qualidade da comunicação entre os elementos da família.				
58. A capacidade da família para resolver conflitos.				
59. O tempo que passamos juntos enquanto família.				
60. A forma como os problemas são discutidos.				
61. A justiça das críticas na família.				
62. A maneira como os elementos da família se preocupam uns com os outros.				

Anexo 3 – Escala de Vinculação do Adulto

Escala de Vinculação do Adulto

EVA - M.C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	☐	☐	☐	☐	☐
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Não me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Sinto-me de alguma forma desconfortável quando me aproximo das pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).	☐	☐	☐	☐	☐
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	☐	☐	☐	☐	☐
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	☐	☐	☐	☐	☐